

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**NORMELIA ONDINA LALAU DE FARIAS**

**TRAJETÓRIAS DE DOCENTES NEGROS/AS  
UNIVERSITÁRIOS: DESAFIOS ENTRE A PRESENÇA E O  
RECONHECIMENTO A PARTIR DAS RELAÇÕES RACIAIS  
NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Alex Sander da Silva

**CRICIÚMA  
2019**

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

F224t Farias, Normélia Ondina Lalau de.

Trajetórias de docentes negros/as universitários : desafios entre a presença e o reconhecimento a partir das relações raciais no Brasil / Normélia Ondina Lalau de Farias. – 2019.

98 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2019.

Orientação: Alex Sander da Silva.

1. Professores negros. 2. Negros – Identidade racial. 3. Relações raciais. 4. Preconceito. 5. Professores universitários.  
Título.

CDD. 22. ed. 305.896

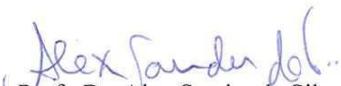
**NORMÉLIA ONDINA LALAU DE FARIAS**

**“TRAJETÓRIAS DE DOCENTES NEGROS/AS  
UNIVERSITÁRIOS: DESAFIOS ENTRE A PRESENÇA E O  
RECONHECIMENTO A PARTIR DAS RELAÇÕES RACIAIS  
NO BRASIL”**

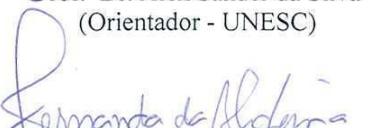
Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 20 de dezembro de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

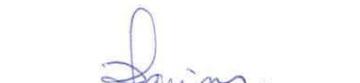
  
Prof. Dr. Alex Sander da Silva  
(Orientador - UNESC)

  
Prof. Dr. Christian Muleka Mwewa  
(Membro - UFMS)

  
Profa. Dra. Fernanda da Silva Lima  
(Membro - UNESC)

Prof. Dr. Gladir da Silva Cabral  
(Suplente – UNESC)

  
Prof. Dr. Carlos Renato Carola  
Coordenador do PPGÉ-UNESC

  
Normélia Ondina Lalau de Farias  
Mestranda



A toda a comunidade negra, ao espírito de resistência que nunca morreu e que persiste ainda hoje, nas favelas, nas metrópoles e em todos os lugares. Que possamos persistir na luta, indo sempre em frente e olhando para o alto. Na esperança de que possamos construir um futuro sempre novo onde caibam todas as negritudes.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, aos meus pais: Clotildes Maria Martins Lalau e Wilson Lalau (in memorian), pela minha sólida formação, e que me ensinaram a acreditar que sempre é possível realizarmos os nossos sonhos e superarmos a nós mesmos, à minha família, que soube entender minha ausência, tanto os filhos: Ana Paula e Luiz Gustavo, como meu marido: Antônio Roberto, e meus familiares. À UNESCO como instituição, aos professores do PPGE, pela sua disponibilidade, por estarem sempre atentos as nossas particularidades e dispostos a compartilhar suas experiências e seus conhecimentos. Aos meus orientadores, professor Dr. Gladir da Silva Cabral e professor Dr. Alex Sander da Silva, que me receberam de braços abertos, estiveram sempre atentos ao meu desenvolvimento, e foram em muitos momentos de grande cuidado e paciência com relação as minhas interpretações e leituras, levando em conta a minha trajetória como mulher, militante e professora negra. Aos meus colegas, que me acolheram, pelos momentos compartilhados, nas leituras, nas discussões e nas horas de escrita. Aos sujeitos da pesquisa, sem os quais eu não poderia ter elaborado este trabalho, que tem sido colegas importantes e me mostram outros horizontes por meio das suas experiências de vida. A equipe do NEAB, que me deram suporte com relação as referências, e estiveram sempre acessíveis para discussões e também sugeriram muito da bibliografia. A Janaina, grande companheira, amiga, incentivadora, que não me deixou desistir e mesmo nos momentos em que estava sob muita pressão me acolheu e me deu apoio, sem deixar transparecer.

## **Ainda assim eu me levanto**

**Maya Angelou**

Você pode me inscrever na História  
Com as mentiras amargas que contar,  
Você pode me arrastar no pó  
Mas ainda assim, como o pó, eu vou  
me levantar.

Minha elegância o perturba?  
Por que você afunda no pesar?  
Porque eu ando como se eu tivesse  
poços de petróleo,  
Jorrando em minha sala de estar.

Assim como lua e o sol,  
Com a certeza das ondas do mar  
Como se ergue a esperança  
Ainda assim, vou me levantar.

Você queria me ver abatida?  
Cabeça baixa, olhar caído?  
Ombros curvados com lágrimas  
Com a alma a gritar enfraquecida?

Minha altivez o ofende?  
Não leve isso tão a mal,  
Porque eu rio como se eu tivesse  
Minas de ouro no meu quintal.

Você pode me fuzilar com suas  
palavras,  
E me cortar com o seu olhar  
Você pode me matar com o seu ódio,  
Mas assim, como o ar, eu vou me  
levantar.

A minha sensualidade o aborrece?  
E você, surpreso, se admira,  
Ao me ver dançar como se tivesse,  
Diamantes na altura da virilha?

Das choças dessa História escandalosa  
Eu me levanto  
Acima de um passado que está  
enraizado na dor  
Eu me levanto  
Eu sou um oceano negro, vasto e  
irrequieto,  
Indo e vindo contra as marés, eu me  
levanto.  
Deixando para trás noites de terror e  
medo  
Eu me levanto  
Em uma madrugada que é  
maravilhosamente clara  
Eu me levanto  
Trazendo os dons que meus ancestrais  
deram,  
Eu sou o sonho e as esperanças dos  
escravos.  
Eu me levanto  
Eu me levanto  
Eu me levanto!  
(Tradução de **Francesca Angiolillo**)

A liberdade não é uma dádiva, mas  
uma conquista. Essa conquista  
pressupõe que os negros redefinem a  
história, para situá-la em seus marcos  
concretos e entrosá-la com seus  
anseios mais profundos de auto  
emancipação coletiva e de igualdade  
racial.”

(**Florestan Fernandes**)

## RESUMO

Esta pesquisa aborda os processos de construção subjetiva dos professores negros e negras no decorrer das suas trajetórias como sujeitos e como docentes. Nesse sentido o cerne desta pesquisa foram as experiências dos sujeitos, suas memórias expressas durante as conversas no momento da entrevista por meio da técnica do grupo focal. Para atingir o objetivo geral desta pesquisa, de analisar as percepções de professores negros e negras das suas trajetórias como sujeitos e como docentes, foram necessárias as releituras a respeito da história dos negros/as do Brasil, desde as questões voltadas ao tráfico de pessoas africanas que foram escravizados até o processo de abolição. Também as questões relativas ao que definimos como preconceito, discriminação racial, negritude, identidade na contemporaneidade. Desta forma, delimitou-se o seguinte problema de pesquisa: Quais as percepções dos professores negros das suas trajetórias como sujeitos e docentes universitários no extremo sul catarinense? O trabalho configurou-se em três objetivos específicos: a) Identificar professores negros/as que atuam em diversas áreas do conhecimento em instituições do ensino superior no extremo sul catarinense; b) Analisar a trajetória de docentes negros e negras numa universidade e os indicativos do processo de consolidação profissional; c) Compreender os principais desafios da docência de professores negros e negras e as relações de poder, bem como estratégias de enfrentamento do racismo por parte desses docentes negros/as. Buscamos elaborar um percurso metodológico que pudesse nos ajudar a compreender as construções identitárias de professores dessa universidade, do ponto de vista das experiências do tornar-se negro, bem como aquelas ligadas ao preconceito na forma do racismo, vivenciadas por eles enquanto sujeitos e docentes. Os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa envolveram: levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturadas utilizando a técnica de grupo focal. Nesta investigação tivemos como categorias de análise as categorias de memória, identidade, negritude. A base teórica para desenvolver a metodologia se inspirou no método biográfico, sobretudo nos estudos de Ferraroti, Bauer, Woodward, entre outros. Esta pesquisa apoia-se teoricamente, sobretudo nos estudos de Stuart Hall (2013), Silva (2000); Bernd (1988), Borges (2002), Nogueira (1985), Barbosa (1994), Kabengele Munanga (1988) e Woodward (2005) dentre outros.

**Palavras-chave:** Negritude. Preconceito. Professores negros/as.

## ABSTRACT

This research approaches the processes of subjective construction of black teachers in the course of their trajectories as subjects and as teachers. In this sense the core of this research was the subjects' experiences, their memories expressed during the conversations at the time of the interview. In order to achieve the objective of this research, it was necessary to re-read about the history of blacks in Brazil, from the issues of the slave trade to the abolition process. Also the issues related to what we define as prejudice, racial discrimination, blackness, identity. In this way, the following research problem was delineated: What are the meanings of the trajectories in the perspective of black university professors and teachers in the extreme south of Santa Catarina? The work was based on three specific objectives: a) to identify black teachers who work in several areas of knowledge in higher education institutions in the far south of Santa Catarina; b) analyze the trajectory of black and black teachers in a university and the indicators of the process of professional consolidation; c) Understand the main challenges of teaching black and black teachers and the power relations, as well as strategies to combat racism by these black teachers. We sought to elaborate a methodological course that could help us to understand the constructions of teachers of this university, from the point of view of the experiences of becoming black, as well as those related to prejudice in the form of racism, experienced as subjects and as teachers. The instruments used to carry out the research involved: bibliographic survey and semi-structured interviews using the focal group technique. In this investigation we have as categories of analysis the categories of memory, experience, identity, blackness. The theoretical basis for developing the methodology was inspired by the biographical method, especially in the studies of Ferraroti, Bauer, Woodward, among others. This research is theoretically supported, especially in studies by Stuart Hall (2013), Silva (2000); Bernd (1988), Borges (2002), Nogueira (1985), Barbosa (1994), Kabengele Munanga (1988) and Woodward (2005) among others.

**Key words:** Blackness, Prejudice, Black teachers

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....  | <b>23</b> |
| <b>CAPÍTULO 1: O BRASIL PÓS ABOLIÇÃO: TRAJETÓRIAS DAS RELAÇÕES RACIAIS</b> .....         | <b>34</b> |
| 1.1 A ESCRAVIZAÇÃO E O RACISMO NO BRASIL .....   | 35        |
| 1.2 ELEMENTOS ANTIRRACISTAS DA EDUCAÇÃO .....  | 44        |
| <b>CAPÍTULO 2: IDENTIDADES DOCENTES NEGRAS: SUJEITOS PARA ALÉM DO PRECONCEITO</b> .....  | <b>52</b> |
| 2.1 IDENTIDADES NEGRAS, UMA PERSPECTIVA ÉTNICO-RACIAL .....                              | 53        |
| 2.2 IDENTIDADES DOCENTES NEGRAS .....  | 63        |
| <b>CAPÍTULO 3: TRAJETÓRIAS DE PROFESSORES NEGROS E NEGRAS NO ENSINO SUPERIOR</b> .....   | <b>66</b> |
| 3.1 NEGRAS HISTÓRIAS CONTADAS .....  | 67        |
| 3.2 TRAJETÓRIAS DE PROFESSORES NEGROS/AS: ENTRE MEMÓRIAS, IDENTIDADES E NEGRITUDES. .... | 70        |
| 3.2.1 Memórias e experiências negras .....   | 70        |
| 3.2.2 Identidades negras e os sentidos de auto percepção e auto formação.....            | 76        |
| 3.2.3 Negritudes e reconhecimentos .....   | 82        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | <b>86</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | <b>89</b> |
| <b>ANEXO(S)</b> .....  | <b>96</b> |
| <b>ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....   | <b>97</b> |



## 1 INTRODUÇÃO

Nesta investigação buscamos compreender alguns elementos do processo de construção das subjetividades de professores universitários negros e negras no decorrer das suas trajetórias de vida e como docentes. Para isso, procuramos mostrar por meio desta pesquisa, o modo como os textos e contextos históricos, seus modos objetivos e subjetivos foram constituídos nas trajetórias desses professores. E, ainda, tratamos das condições de possibilidade das experiências identitárias desses sujeitos, vivências estas que, no contexto da construção dos conjuntos sociais dos marcadores simbólicos, têm historicamente tencionado os processos de formação, tanto no âmbito da formação subjetiva quanto em relação ao contexto da docência.

Para tanto, recorreremos a auto percepção dos sujeitos, em suas múltiplas relações vividas, em experiências com discriminação durante os processos formativos, em especial aquelas que se deram na escola e nas suas trajetórias acadêmicas. Desta maneira, procuramos elaborar a questão da trajetória destes indivíduos, como sujeitos e como docentes, pensando a partir da hipótese central desse trabalho sobre as implicações sócio históricas fundamentadas no desenvolvimento histórico do racismo na sociedade brasileira. Desse modo, é possível dizer que no Brasil historicamente se desenvolveu um contexto sócio histórico de racismo, cujas implicações impactam nas bases do processo de formação dos sujeitos negros.

Buscamos ainda como parte desta elaboração apontar algumas reflexões sobre se é possível que os professores universitários negros tenham experienciado nas suas trajetórias de vida e na sua formação acadêmica a compreensão e a auto percepção da sua subjetividade e negritude. Ainda que venham de famílias de classe média, e que tenham tido oportunidades similares, o preconceito, na forma do racismo, poderia apresentar-se na vida desses professores, de forma simbólica e/ou declarada em algum momento em suas experiências nas múltiplas relações cotidianas.

Nesse contexto, a necessidade desta pesquisa diz respeito às formas de compreensão e auto percepção sobre a condição de docentes negros, considerando alguns momentos de suas trajetórias escolares, bem como, fatores de ordem racial nas suas inserções acadêmicas e no seu trabalho docente. Ou seja, a pesquisa se situa no âmbito das reflexões sobre as discussões e ações sócio-políticas voltadas à temática das relações raciais.

Podemos dizer que este tema está na ordem do dia para se compreender sociedade brasileira na sua composição histórico-social e de modo mais específico, o campo das relações raciais na educação. Dessa forma, no presente estudo, investigamos os aspectos norteadores desse tema na forma como se apresentam as identidades e trajetórias de docentes negros/as universitários no extremo sul catarinense. Assim tratamos principalmente três aspectos que consideramos centrais como desafios do ser negro/a na docência universitária, tais como: identidade, memória e negritude, tendo em vista como pano de fundo os desafios da presença, visibilidade e do reconhecimento destes indivíduos enquanto sujeitos e docentes no contexto da docência universitária no extremo sul catarinense.

Com este trabalho buscamos compreender o preconceito, na forma do racismo, enquanto condicionante para a manutenção e reprodução das desigualdades econômicas, políticas e sociais, de modo particular, expressos na relação do trabalho docente de professores negros/as. Minha trajetória como mulher negra e professora universitária, tem sido permeada pelos desafios de presença, visibilidade e reconhecimento.

A busca por uma compreensão da formação identitária, surgiu como uma inquietação pelo fato de minha trajetória ter se dado num contexto próprio de lutas e de reconhecimentos conquistados. Desde cedo, já na infância, tive contato com movimentos sociais a partir da participação dos meus pais e da minha família nas demandas da comunidade negra em criciúma, desde a organização mais diretamente política e ainda nos envolvimento com os clubes e organizações culturais.

Estes espaços de transição, da dinâmica das trocas sociais, são também a fonte de nossas experiências como sujeitos e o ponto onde as identidades se consolidam. Assim, minha experiência como mulher, militante e professora negra influenciou na escolha da temática desta investigação e na motivação de aprofundar os estudos sobre o tema das relações raciais no contexto universitário.

Avaliando retroativamente, desde a minha primeira graduação (Química Industrial) já era possível perceber que se tratava de um espaço amplamente ocupado por homens brancos. Talvez por se tratar de uma engenharia, era pouco ocupado por mulheres e menos ainda por mulheres negras. Nessa época por conta da militância, eu já participava de discussões com relação a questão racial. Isso já era uma insinuação do que viria mais tarde, assim como o ambiente escolar era escasso de pessoas como eu, mulheres e negras, mais tarde tive experiências

similares no mercado de trabalho. O que veio após a formação acadêmica foi ter que me deparar com as dificuldades da inserção no mundo do trabalho.

Em muitas entrevistas para a indústria, nas quais as vagas me foram vedadas, o fato de ser mulher e negra era utilizado como subterfúgio pelos empregadores, o que impossibilitou inúmeras tentativas de trabalhar mais diretamente naquilo que minha formação havia me preparado. Tendo em vista esta realidade busquei outros horizontes. Prestei concurso para trabalhar em uma escola de ensino profissionalizante e mediante aprovação passei a atuar em sala de aula. Ao perceber, após várias outras tentativas de atuar na indústria sem sucesso, e sem entender novamente o por que uma vez que era chamada, pois estava dentro do perfil desejado, fui vencida pelas piores desculpas dadas.

Então, resolvi buscar uma nova formação que realmente me fornecesse habilitação para estar em sala de aula como professora. Segui na busca em apropriar-me diante do desafio escolhido e aprimorar-me cada vez mais. No entanto, tinha os mesmos questionamentos que tive durante minha vida escolar. Questionamentos que retornaram não mais como estudante, mas como professora: onde estão os negros? Poucos me fazem perceber suas presenças. Tratava-se de ensino técnico profissionalizante, crendo eu ser uma oportunidade de chegarem a outros níveis de formação após terem uma formação que lhes permitiria a entrada no mercado de trabalho, a possibilidade de estarem em uma universidade.

Ao iniciar como professora numa escola de ensino médio, a não visibilidade de alunos negros ainda era perceptível. Novamente, a minha experiência pessoal com os movimentos sociais, tanto cultural como politicamente, se fazia presente me levando a questionar: porque não há mais alunos negros neste ambiente? Por que a qualidade educacional é também um sinal de elitismo? Dessa vez, não foi surpresa, pois se tratava de uma escola privada, eu como professora negra era a novidade, como não bastasse era professora de Química. Nesse contexto, dentro da escola, já havia uma preocupação com relação a inclusão em sentido amplo, pensando a questão social, econômica e racial, um exemplo disso é que havia uma preocupação da equipe pedagógica de pensar os cronogramas e os eventos, bem como o cotidiano escolar, tendo em vista a diversidade de agentes e participantes. Assim, pude mostrar que era realmente possível estar e pertencer àquele lugar a ponto de levar meus filhos a estudarem nesse mesmo espaço.

Nesse sentido, podemos dizer que, por um lado, minha trajetória

como mulher, militante e professora negra despertou alguns questionamentos, e por outro, as disciplinas e leituras no mestrado me mostraram que historicamente as demandas das populações negras se construíram permeadas por intensos embates internos e externos, que fizeram grande parte dos movimentos sociais envolvidos desenvolverem-se como meios políticos e formativos. Mas recentemente, antes do mestrado, eu já participava de discussões relativas a questão racial dentro da instituição por meio do GEFOCS (Grupo de Pesquisa em Educação, Formação Cultural e Sociedade), e do NEAB (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, Indígenas e Minorias). Durante o mestrado também tive contato com o recém formado Grupo de Pesquisa em Direitos Humanos Relações Raciais e Feminismos, assim o meu percurso sempre esteve entremeado de demandas e contextos complexos, como mulher principalmente por conta do campo de atuação e a área de formação, como militante com relação as possibilidade de ações sócias e sua abrangência, bem como as implicações dos movimentos sociais, por fim como professora tendo em vista a relação, muitas vezes tensa, entre a sociedade e suas exigências e implicações sócio históricas, e as condições de possibilidade dos/as estudantes, mais especificamente no que diz respeito a sua formação subjetiva.

Além de dificuldades sócio históricas, como as mudanças das políticas governamentais. Estas reivindicações e lutas consolidaram-se, entre outros motivos, na Lei 10.639/03, que elaborou pela primeira vez a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira após a aprovação, que assinalou a ampla necessidade de avançarmos no aprofundamento do universo das representações simbólicas na discussão educacional.

Em razão do crescente avanço na produção de conhecimentos sobre a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, e ainda pesquisas relacionadas à recepção, bem como as práticas pedagógicas na implantação da temática racial, consideramos pertinente um estudo sobre trajetórias de docentes negros/as universitários, que abranja as dimensões da formação subjetiva destes, tendo em vista uma compreensão dos contextos nos quais eles se constituíram. Tem sido de grande importância a preocupação com questão das relações étnico-raciais no âmbito das pesquisas em educação<sup>1</sup>. Assim, se assinala a necessidade da emergência e do aparecimento dos processos que

---

<sup>1</sup> Ver por exemplo a obra “Superando o racismo na escola” (2005) promovida pelo Ministério da Educação e organizado pelo professor Kabengele Munanga.

consolidaram os movimentos negros e seus instrumentos sociais, bem como as políticas públicas envolvidas no processo histórico de superação dos contextos sócio culturais de exploração e manutenção do estado de coisa.

Desta maneira, é possível entender que a história dos seres humanos se desenvolve por meio de singularidades que se situam no âmbito das relações sociais (SANTOS, 1995). Nesse sentido, nosso objeto de estudo tem seu lugar na história das relações raciais, entendendo que estas têm reflexos no cotidiano das múltiplas relações que os(as) professores(as) experimentam no decorrer das suas trajetórias de suas identidades, ainda nessa direção sustentados em (FERRAROTI, 1988), podemos também salientar que o método biográfico tem ampla aplicação em estudos voltados para os percursos dos sujeitos porque reconhecem as relações entre a história individual e a história social.

Estes estudos, relativos a autobiografia ou auto formação dos professores têm contribuído para que se possa compreender as dinâmicas dos dispositivos socioculturais que compõem as relações no tecido social (NÓVOA, 1982). Nesse sentido, esta pesquisa enfrentar tal temática, sobretudo, a partir das relações raciais, de modo a compreender a trajetória de docentes negros/as universitários no que tange aos desafios para assegurar a presença-visibilidade e reconhecimento enquanto sujeitos negros/as e ainda com relação as trajetórias da formação subjetiva, que tem relação com processos de identificação moveis, dinâmicos e em fluxo contínuo. (SANTOS, 1995)

As questões relacionadas as identidades e as trajetórias de docentes negros/as universitários no extremo sul catarinense inserem-se no contexto das discussões e estudos sobre as relações étnico-raciais no Brasil de um modo geral, nesse contexto a mínima presença de professores negros/as no interior de nossas universidades e de outros setores da sociedade vem se apresentando como um avanço modesto.

Nesse sentido pode-se constatar que há um percentual ainda pequeno de professores/as negros/as nas instituições de ensino, Arboleya e Meueel (2015) apontam que, segundo Instituto Nacional de Pesquisa – INEP em 2012, de um universo de 378.939 docentes universitários no Brasil, apenas 13,22% são negros. Desse montante, somente 33,9% estão em instituições públicas, são de maioria masculina (54,43%) e, em geral, possuem titulação máxima de mestres: 43,09%.

A marginalidade do negro relaciona-se à abolição da escravatura no sentido de desapropriação da sua própria humanidade, do esvaziamento do sentido de sua condição. O negro(a) carrega até hoje o

estigma da escravidão. Ainda hoje as concepções sobre desigualdades raciais se fazem presentes na educação brasileira tendo como consequências concretas o fracasso escolar e a evasão do povo negro, o que se evidencia no não acesso aos diferentes níveis de escolaridade, o que contribui para a construção de conceitos e pré-conceitos raciais.

Em razão disso surge a necessidade de discutir com mais amplitude a questão étnico-racial nos cursos de formação de professores e também estimular estudos e pesquisas nessa área quanto à adversidade que atinge não somente esse segmento, mas a sociedade como um todo, para que esta não venha a ser explicitada como conjunto de individualidades, mas sim como tessitura de múltiplas complexidades, segundo Woodward

O conceito de identificação tem sido retomado, nos Estudos Culturais, mais especificamente na teoria do cinema, para explicar a forte ativação de desejos inconscientes relativamente a pessoas ou a imagens, fazendo com que seja possível nos vermos na imagem ou na personagem apresentada na tela. Diferentes significados são produzidos por diferentes sistemas simbólicos, mas esses significados são contestados e cambiantes. (WOODWARD, 2000. p.18).

Portanto, podemos entender os processos de formação identitária num panorama de mudanças contínuas, que podem inclusive elastecer as relações subjetivas no sentido de descaracterizar a sua consciência e também reafirmar as elaborações simbólicas que descrevem os meios pelos quais nos identificamos.

Apesar deste processo ser implicado pelas transformações sócio históricas, entendemos que ele se desenvolve com alguma autonomia, assim faz-se necessário entender como se dão as construções sociais dos conjuntos de critérios e reguladores simbólicos que operam na sociedade e ao mesmo tempo solapam as dinâmicas das trocas simbólicas levando-as a outros níveis normativos menos formais. Nesse sentido segundo Hall,

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto: nossas ações quanto a

concepção que temos de nós mesmos (veja *Penguin Dictionary of Sociology*: verbete "*discourse*"). As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2013, p.51).

As instituições são meios de difundir estas mensagens e operar a economia simbólica na sociedade, porém não podem controlar as múltiplas camadas e que compõem os usos destes marcadores simbólicos. A partir desses aspectos, o presente estudo tem como problema central: Quais as percepções dos professores negros/as das suas trajetórias como sujeitos e docentes?

Estabelecemos como objetivo geral do estudo analisar as percepções de professores negros/as das suas trajetórias como sujeitos e como docentes no extremo sul catarinense. E como objetivos específicos elenco os seguintes: a) Identificar professores negros/as que atuam em diversas áreas do conhecimento em instituições do ensino superior no extremo sul catarinense; b) Analisar a trajetória de docentes negros/as numa universidade e os indicativos do processo de consolidação profissional; c) Compreender os principais desafios da docência de professores negros/as e as relações de poder, bem como estratégias de enfrentamento do racismo por parte desses docentes negros/as.

Tendo em vista estes objetivos, esta pesquisa se configurou como um estudo qualitativo, de cunho descritivo exploratório, cujo foco consistiu em deter-se em narrativas de professores e professoras universitários negros/as negros/as da região do extremo sul catarinense. Desse modo, o estudo se configurou em três momentos centrais: o primeiro foi a delimitação do estudo, a partir da seleção, análise, leitura do referencial teórico. Tratou-se, portanto, da revisão de literatura a fim de verificar aproximações e distanciamentos quanto ao tema proposto.

O segundo momento foi uma pesquisa de campo. Para isso foi feito um levantamento de docentes negros/as atuando em em uma instituição de ensino superior da região do extremo sul catarinense: Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)<sup>2</sup>. Esse

---

<sup>2</sup> Universidade do Extremo Sul Catarinense ([Unesc](#)) é uma universidade comunitária, localizada no município de [Criciúma](#), no sul de [Santa Catarina](#).

levantamento se deu a partir de busca nos setores de recursos humanos dessa instituição de ensino superior, ou seja, foi o momento da procura de informações sobre o número de professores negros/as que estavam atuando. E o terceiro momento se configurou na organização das entrevistas semi-estruturadas para o aprofundamento do tema, que se deram por meio da técnica do grupo focal. Entendendo que esta pesquisa qualitativa descritivo exploratória, tem como objeto alguns sujeitos que participam de um contexto que se construiu historicamente por meio de valores, crenças e representações simbólicas imbuídas de significação cultural cujas particularidades podem ser compreendidas por meio de empatia aliada ao rigor metodológico.

Adotamos a técnica do grupo focal como forma de construir um ambiente amistoso para que as especificidades dos entrevistados pudessem se manifestar e conseguíssemos coletar os dados, mas também tendo em vista os cruzamentos, interseções e entrelaçamentos das narrativas, pois segundo Prates et al.

O grupo focal consiste em uma técnica de produção dos dados que envolve a formação de um grupo com características comuns, dirigido por um moderador, que mantém os participantes centrados em uma discussão sobre determinado tema. Com base nessa técnica, é possível a troca de ideias, experiências, sentimentos, crenças, comportamentos e pontos de vista, proporcionando a reflexão e, até mesmo, a mudança de opinião ou de fundamentação da posição inicial. (PRATES et al, 2018, p. 53)

Assim pretendemos abordar os modos como se produzem, nesses grupos, as representações simbólicas, as narrativas que baseiam as práticas sociais cotidianas e as percepções. Entre as estratégias desta técnica estão a produção de estímulos para instigar as discussões em grupo, e a construção de dinâmicas de grupo, com o objetivo de construir relações para o exercício de funções simbólicas.

Nesse sentido, utilizou-se das falas dos professores que refletem histórias coletivas e diálogos que se configurem num processo filosófico formativo peculiar, sobretudo quando se fala da complexidade do tema das relações étnico-raciais. E, no que diz respeito à trajetória negra,

seguiu-se a tentativa de ocupar um espaço no âmbito educacional para o reconhecimento das diferenças e identidades étnico-raciais no debate educacional.

O presente trabalho tem como referencial de análise algumas categorias fundamentais, tais como: memória, experiência e identidade. Esse referencial da análise buscará contextualizar as relações étnico-raciais no âmbito da educação, particularmente na educação superior contemporânea, a partir de aspectos fundamentais apontados pelos estudos críticos de Stuart Hall (2013), Silva (2000); Bernd (1988), Borges (2002), Nogueira (1985), Barbosa (1994), Kabengele Munanga (1988) e Woodward (2005) dentre outros.

Com o intuito de situar a relevância do estudo proposto, realizei uma revisão de trabalhos de pesquisa que articulam os temas Identidades /Trajetórias de Docentes Negros/as na Universidade e Visibilidade e Reconhecimento. Foi realizada consulta ao banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao banco de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), procurando verificar os estudos com temas aproximados produzidos até o momento. Dentre os temas encontrados apresento 16 trabalhos, entre artigos científicos, dissertações e teses de doutorados.

Dentre os estudos acadêmicos que se aproximam da temática aqui proposta, apresento os seguintes: “Professoras Universitárias Negras: trajetórias e narrativas”<sup>3</sup>; “Educação para uma vida melhor: trajetórias sociais de docentes negros”<sup>4</sup>;” O romper do silêncio: história e memória na trajetória escolar e profissional dos docentes afrodescendentes das universidades públicas do estado de São Paulo”<sup>5</sup> ;” Das batalhas identitárias às práticas de liberdade: histórias de vida de uma professora negra”<sup>6</sup>; “Identidade, diversidade: práticas culturais em pesquisa”<sup>7</sup>

---

<sup>3</sup> CRISOSTOMO, Maria Aparecida dos Santos and REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. Professoras universitárias negras: trajetórias e narrativas. *Avaliação (Campinas)* [online]. 2010, vol.15, n.2, pp.93-106. ISSN 1414-4077. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772010000200005>.

<sup>4</sup> Scielo - ARBOLEYA, Arilda; Cielo, Fernando; Meucci, Simone. *Cadernos de Pesquisa, Dez 2015, Volume 45 Nº 158 Páginas 882 – 914*

<sup>5</sup> Scielo - RIBEIRO, M. S. P. 182 p. 2001. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001.

<sup>6</sup> Scielo - SILVA, Marluce Pereira da; MOURA, Carmen Brunelli de and LOPES, Francisca Maria de Souza Ramos.. *Ling. (dis)curso* [online]. 2012, vol.12, n.2, pp.545-571. ISSN 1982-4017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1518-76322012000200008>.

Identidades de gênero e o debate étnico-racial no direito brasileiro<sup>8</sup>; El Proyecto Mujeres Maestras del Perú. Estudio de caso sobre identidades docentes.<sup>9</sup>; Identidade e Preconceito: Algumas Ambivalências - Sobre es Representações Sociais do “Outro-Estrangeiro”<sup>10</sup> ; Memória, Identidade e Patrimônio Quilombola<sup>11</sup>; Memória, Identidade e Patrimônio Quilombola<sup>12</sup>; Memória Coletiva e Identidade Popular<sup>13</sup>; A Construção Discursiva da Identidade<sup>14</sup>, A constituição discursiva de identidades étnico-raciais de docentes negro/as silenciamentos, batalhas travadas (re)significadas<sup>15</sup>.

Esta dissertação está dívida em três capítulos. No primeiro capítulo tratamos das relações raciais no Brasil pós Abolição dividindo-se em três temas: “Teorias Raciais e Movimentos Sociais”, Luta Antirracista e Educação. Pretendemos dar destaque para à questão étnico-racial negra, particularmente, como ela se configurou as trajetórias da população negra pós-abolição, como um processo de formalização. Baseado em uma percepção da conjuntura política da época e cujo objetivo central tinha bases econômicas, na sociedade brasileira, relativizando alguns aspectos da trajetória política da população negra no período.

---

<sup>7</sup> Capes - Miguez, Darwin Franco. *Comunicacion y Sociedad*, Jan, 2011, Issue 15, p.195(8) [periódico revisado por pares]. Cengage Learning, Inc.

<sup>8</sup> Capes - Auto declaração como técnica de proteção antidiscriminatória. Resadori, Alice Hertzog ; Rios, Roger Raupp ; Civitas - Revista de Ciências Sociais, 2018, Vol.18 (1), p.10-26

<sup>9</sup> Capes - HUERTA RAMÓN, RICARD; *Educación* (10199403), 2018, Vol.27 (52), p.46-63

<sup>10</sup> Capes - PRECONCEITO, IDENTIDADE, “IDENTIDADE-COMO-PRECONCEITO”

Pierfranco Malizia. *Ambivalências*, 01 June 2014, Vol.2(3), pp.238-258

<sup>11</sup> Capes - Rodrigo Da Costa Segovia ; Davi Kiermes Tavares ; Gisele Dutra Quevedo ; José Paulo Seifert Brahm. *Revista Latino Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 01 December 2015, Vol.1(2), pp.302-312

<sup>12</sup> Capes - Rodrigo Da Costa Segovia; Davi Kiermes Tavares; Gisele Dutra Quevedo; José Paulo Seifert Brahm. *Conexões Culturais*, 01 December 2015, Vol.1(2), pp.302-312

<sup>13</sup> Capes - Maria Auxiliadora Fontana Baseio; Renato Rodrigues Lima. *Lumen et Virtus*, 01 December 2015, Issue 14, pp.106-118

<sup>14</sup> Capes - Jauranice Rodrigues Cavalcanti. *Signo*, 01 January 2011, Vol.35(59), pp.1313-325

<sup>15</sup> LOPES, Francisca Maria de Souza Ramos. 2010 Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tese de Doutorado.

No segundo capítulo, apresentamos aspectos sobre as relações de formação da identidade negra no contexto educacional trazendo reflexões acerca do tema da negritude, isto é, o sentidos e significados do ser negro e negra na sociedade brasileira e a questão da Identidade e da visibilidade negra. Nesse sentido, tratamos de reflexões direcionadas as concepções étnico-raciais a partir das demandas dos movimentos sociais negros e das políticas antirracistas.

No último capítulo, apresentarei as análises dos dados levantados nas entrevistas com os professores, identificando suas trajetórias de docentes negros/as universitários no extremo sul catarinense: desafios entre a presença e o reconhecimento a partir das relações raciais no Brasil. Professores/as negros/as no ensino superior. Será dividido em: uma reflexão sobre a formação e carreira docente bem como as estratégias de resistências e consolidação no ensino superior. E para finalizar o trabalho, teremos as considerações finais.

## **CAPÍTULO 1: O BRASIL PÓS ABOLIÇÃO: TRAJETÓRIAS DAS RELAÇÕES RACIAIS**

Este capítulo pretende dar ênfase para à questão étnico-racial negra, particularmente, como ela se configurou nas trajetórias desde a abolição, como um processo de formalização baseado em uma percepção da conjuntura política da época e cujo objetivo central tinha bases econômicas, na sociedade brasileira. Desse modo, a reflexão que se quer tratar aqui busca evidenciar alguns aspectos da importância do debate das questões étnico-raciais, bem como seus fundamentos teóricos e sua dimensão de representatividade de demandas construídas historicamente pelos grupos marginalizados.

Entre as conquistas sócio históricas escolhemos a lei 10.639/03 e suas implicações no campo educacional, bem como a valorização da história e da cultura africana e afro-brasileira. Trata-se de ter como referência o legado da escravização de negros/as para a constituição histórica e econômico-política do Brasil. Sem deixar de observar os modos como socialmente se produziu, e ainda se reproduzem elementos estruturantes da identificação e discriminação desta raça social (SWARTZMAN, 2018). Pretendemos ainda, buscar compreender as trajetórias dos negros e negras pós-abolição, sobretudo a partir das políticas de combate ao racismo e a discriminação racial, como expressões sociais de confrontos diretos e indiretos destas populações.

Este estudo busca contextualizar os processos históricos da cultura afro-brasileira no âmbito da formação da sociedade brasileira, seus conflitos internos e externos e suas implicações histórico-culturais. Mais especificamente, discutir a presença de negros e negras no ensino superior como professores, que significa trazer à tona o debate sobre o racismo nas instituições sociais e no sistema de ensino, mais particularmente no ensino superior, onde ele existe paralelamente com formas de resistência e reafirmação baseadas em estratégias de permanência no ensino superior. Algumas inclusive se consolidaram na forma de políticas públicas, como movimentos que buscam a compreensão e a ressignificação da cultura afro-brasileira, e ainda na presença de professores negros/as nesse nível de ensino.

Desse modo, pretende-se aqui, situar a questão da escravização de negros/as, sobretudo, as consequências traumáticas a partir do período pós-abolição, bem como suas consequências históricas, políticas e culturais, como o racismo. Trazemos também as formas de resistência, as leis e políticas de combate ao racismo, particularmente, no âmbito da educação. Trazemos basicamente elementos da lei 10.639/03 e alguns

aspectos das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais.

Assim, primeiramente, tratei da questão da escravidão e as consequências para a população, partindo do período pós-abolição. Em seguida, abordamos as questões raciais na perspectiva de resistência do povo negro em suas lutas cotidianas pela superação do racismo e trouxemos a discussão sobre alguns elementos antirracistas da educação.

## 1.1 A ESCRAVIZAÇÃO E O RACISMO NO BRASIL

Neste primeiro momento pretendemos estabelecer alguns aspectos dos processos históricos de escravização de populações negras, para construir uma compreensão histórica com base na qual desenvolveremos parte da análise. Procuraremos circunscrever estes elementos a partir do período pós-abolição, tanto quanto seja possível, focando assim em alguns pontos fundamentais do século XIX, XX e ainda os encadeamentos contemporâneos destes desenvolvimentos históricos.

Inicialmente é importante entendermos que no Brasil vive a maior população descendente de pessoas africanas que foram escravizadas nas Américas, segundo dados do IBGE em 2014 a população negra representava cerca de 53,6% entre os declarados pretos e pardos. A importância da população negra não se limita a questão de populações e sua ocupação dos espaços, no sentido de demografia. A influência dos negros em nosso país se difundiu continuamente para praticamente todos os campos da vida econômica, cultural e social, segundo Gomes e Munanga

O Brasil foi o último país da América a fazer a abolição, dando a entender que a sociedade estava se moralizando, mas não pagou os anos de trabalhos prestados pelos negros aos seus senhores, não assinou a carteira de trabalho do negro e nem da negra. Portanto foi longo o processo até construir a identidade de trabalhador desvinculado da condição de dependência do posto de trabalho e da condição de escravo. Sem trabalho e moradia, passam a se deslocar das fazendas para área urbana em busca de oportunidade, formando grupos entorno de grandes centros, o que provocava um grande

desconforto a população local. (GOMES; MUNANGA, 2006, p.159).

Tamanha importância, contudo, historicamente, não vem se expressando no plano dos direitos sociais, ainda que do ponto de vista empírico, se possa observar a precária situação de vida dos negros brasileiros, confinados nos piores empregos e subempregos, em situação de baixa escolaridade, péssimas condições de habitação e ainda especialmente expostos à violência. (PAIXÃO, 2003).

Além disso é importante frisar que, atualmente, frente às evidências existentes, não existe margem de dúvida quanto às sequelas do racismo e do preconceito racial sobre a esmagadora maioria dos/as negros/as afrodescendentes brasileiros/as, nesse sentido é fundamental reconhecermos segundo a declaração de Durban,

[...] a escravidão e o tráfico escravo, incluindo o tráfico de escravos transatlântico, foram tragédias terríveis na história da humanidade, não apenas por sua barbárie abominável, mas também em termos de magnitude, natureza de organização e, especialmente, pela negação da essência das vítimas, ainda reconhecemos que a escravidão e o tráfico escravo são crimes contra a humanidade e assim devem sempre ser considerados, especialmente o tráfico de escravos transatlântico, estando entre as maiores manifestações e fontes de racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata, a que os Africanos e afrodescendentes, Asiáticos e povos de origem asiática, bem como os povos indígenas foram e continuam a ser vítimas[...] (ONU, 2001, p. 53).

Assim, o que vem se delineando desde o período da escravidão, e que apesar do seu término continuou e continua sendo uma marca é o racismo no Brasil e que aparece, muitas vezes, de forma velada. Ou seja, acreditou-se por muito tempo, que com o fim da escravidão os negros iriam ser incorporados à sociedade brasileira com igualdades de condições, nesse sentido segundo Amaro,

A busca por liberdade e cidadania foi fortalecida com a luta dos abolicionistas contra as autoridades, porém, a abolição só se concretizou pela mudança econômica mundial, liderada pela

Inglaterra, impondo empecilhos à escravidão, pois o mundo mudava através da Revolução Industrial, onde os escravos não tinham salários para comprar produtos industriais, tendo a necessidade de um trabalhador assalariado. (AMARO apud PEREIRA, 2002).

No entanto, a Lei de Abolição da Escravidão, símbolo oficial do fim da escravidão, representou mais um passaporte de exclusão, do que um convite à participação, igual e efetiva no mundo do trabalho livre. O que ocorreu foi uma libertação física um esvaziamento das senzalas, porém, abolir o escravismo está longe de representar o mesmo que sua extinção. Não houve o menor interesse em buscar ações que garantisse o acesso à terra e o pagamento dos serviços prestados em quase 400 anos de escravidão na Nação (RUFINO, 2018).

A abolição da Escravatura no Brasil, veio em decorrência de um processo mais amplo do qual o país fazia parte e que implicava na sua participação ou não nos mercados internacionais. O contexto interno do país na época imprimia um despreparo para a efetividade da aplicação da lei, e as consequências disso era de relações diretas de servidão, de violência as populações negras e de falta de suporte ou alcance do Estado. Assim, a abolição se deu de modo abrupto, de certo modo, uma sentença capital para os negros pois implicou num futuro de humilhações, falsa cidadania e exclusão social. Humilhação essa de ser tratado de forma desigual, tendo que enfrentar situações de racismo e exclusão dos vários direitos e do exercício da cidadania. A história do racismo no Brasil tem seus pés fincados na história da escravidão de negros/as trazidos da África. A estrutura econômica e social do Brasil colonial começou a mudar no final do século XIX. Uma nova realidade nacional e internacional se constituía colocando em xeque o sistema escravista. Movimentos políticos, humanitários ou econômicos influenciavam os homens brancos a questionar a permanência do trabalho escravo. (NERES; CARDOSO; MARKUNAS, 1997, p.100)

Sabemos portanto, que este não foi um gesto humanitário, a abolição da escravatura pode ser compreendida no contexto de uma conjuntura econômica de expansão das fazendas de café (MEDEIROS, 2002, p.27). A edição da Lei de Abolição da Escravidão não provocou uma mudança de comportamento na sociedade, novas formas de estratificação foram se constituindo e com isso novos estatutos sociais que se desenvolveram de modo a marginalizar e discriminar o negro.

Sobrevivendo a todo tipo de opressão para que seus descendentes pudessem melhorar a sua condição de vida (MAESTRI, 1994), o negro sempre lutou fazendo resistência de várias formas, até aqueles mais isolados resistiram. Dentro desse processo escravagista brutal, o negro sempre procurou, e ainda procura, o seu espaço na sociedade. Na época, a única tentativa era comprar sua alforria e passar a ser um homem livre, mas sem os mesmos direitos dos brancos, só restavam os trabalhos residuais, a força bruta e aquelas profissões mais desprezadas. Na transição para o trabalho assalariado, o ex-escravo foi taxado de mal trabalhador, de acordo com essa tese, ele seria incapaz de assumir tarefas mais complexas que demandassem um raciocínio mais elaborado. Não houve um plano social para que o negro ou a negra se integrasse à nova sociedade. O negro conquistou a liberdade mas, tornou-se escravizado por uma sociedade que não acolhe e tão pouco o aceita. A luta fora da senzala passa a ser outra uma vez que, nada tinha sequer preparo para novas profissões. Liberdade não foi o final da luta, inicia uma nova, pois a abolição não foi completa.

Muitos negros eram capoeiristas e criavam as maetas (grupos) que faziam muita desordem na sociedade, isto na visão do branco. Mas os políticos os contratavam para no dia das eleições, se infiltrarem no meio do povo criando brigas e desordens, propiciando a alguém colocar muitos votos nas urnas em favor do contratante (empenhar a urna), isto nos grandes centros e capitais do país. Outros eram contratados para proteger alguém do governo, como os Guardas Negros da Princesa Isabel.

Desse modo para compreendermos o caminho percorrido pelo Brasil, temos de levar em conta ainda a influência dos estudos raciais que estavam em andamento na metade do século XIX por pesquisadores da área. Segundo Schwarcz (1993), do ponto de vista do projeto de formação nacional, a variante *otimista* resolve o suposto dilema colocado pelo racismo científico ao vislumbrar uma saída biológica para o branqueamento gradual da população. Com isso, para as ciências surge o conceito de raça que obedece a parâmetros para classificar diferentes populações de uma mesma espécie biológica de acordo com as suas características genéticas ou fenotípicas, que serviram de base para a exclusão e rejeição dos negros pelo mercado de trabalho da época pós-abolicionista, e nos estabelecimentos de ensino. Além disso o racismo científico foi uma forma de hierarquizar as raças, pois com a abolição o número de pretos, pardos e mestiços passa a ser mais perceptível na vida

social, porém a sua integração aos processos produtivos e sociais se dão e modo lento e por meio de inserções transversais e marginalizadas.

Hoje sabe-se que os cativos fugiam para viver sozinhos ou em grupos, em lugares sem aparatos: nas serras, florestas, ilhas, etc. Quilombo e mocambo foram as duas denominações brasileiras mais comuns dadas aos agrupamentos clandestinos de trabalhadores escravizados fugidos. Milhares de pequenos, médios e grandes quilombos popularam no litoral e no interior do Brasil, desde o início até à abolição da escravatura (MAESTRI, 1994).

Segundo Both, o quilombo de Palmares foi o mais importante devido ao seu nível de organização e resistência que ofereceu durante os anos de sua existência. Destacando-se a figura de Zumbi e Dandara, ele como maior líder dessa forma de resistência. Dandara de palmares lutou com armas pela libertação de negros/as, liderava mulheres e homens obstinada pela liberdade quando capturada preferiu morrer. Negros libertos, índios, mulatos e brancos eram os membros que constituíam a população dos quilombos. Se deslocavam para lá uma vez que não encontravam um espaço em que pudessem transitar com certo grau de liberdade na sociedade colonial. Assim,

[...] as denominações quilombo, mocambos, terra de preto, comunidades remanescentes de quilombos, comunidades negras rurais, comunidade de terreiro, são expressões que designam grupos sociais afrodescendentes trazidos para o Brasil durante o período colonial, que resistiram ou, manifestamente, se rebelaram contra o sistema colonial contra sua condição de cativo, formando territórios independentes onde a liberdade e o trabalho comum passaram a constituir símbolos de diferenciação do regime de trabalho adotado pela metrópole (BOTH, 2006, p. 52).

A população dos quilombos era diversificada, sendo que muitos abrigavam índios, mulatos e brancos livres, ou negros forros<sup>16</sup>. Para ali

---

<sup>16</sup> Negros que não eram escravos na época do Brasil colônia, ou seja, negros que possuíam carta de alforria. (Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/negros+forros>. Acessado em: 2019/janeiro)

se dirigiam aqueles que não encontravam na sociedade colonial um espaço no qual pudesse transitar com um certo grau de liberdade onde também se formaram os bandoleiros que assaltavam nas estradas impondo terror aos governantes. Encontramos a insurreição armada como forma de obter o poder, sendo um exemplo: a Balaiada. Outra forma de resistência foi a revolta urbana, como a dos Malês, que tinha como característica, uma organização diferente por se tratar de negros mulçumanos (SANTOS, 1994).

Deste modo, o contexto social da resistência dos negros é amplo e complexo, variando em cada região do país. Com relação ao período que pode nos dizer algo sobre a tentativa histórica de ocultar ou mascarar o racismo no Brasil, é importante citar o trabalho de Gilberto Freyre publicado em 1933, “Casa-Grande & Senzala”, foi um importante trabalho de antropologia e sociologia, nele o autor observava as relações entre escravos e seus senhores de um ponto de vista que buscava homogeneizar ou harmonizar os processos de exploração tomando-os como culturais ou ainda característicos dos grupos étnicos dominados. Entre outras coisas em sua análise ele aponta que,

A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos. Sem deixarem de ser relações - as dos brancos com as mulheres de cor - de "superiores" com "inferiores" e, no maior número de casos, de senhores desabusados e sádicos com escravas passivas, adoçaram-se, entretanto, com a necessidade experimentada por muitos colonos de constituírem família dentro dessas circunstâncias e sobre essa base. A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. (FREYRE,1966, p. 26).

Desse modo, os 350 anos de conflitos existentes entre senhores e escravos teriam sido amenizados pela predisposições sexuais do português com as mulheres negras e indígenas, o que levaria fusão das três raças distintas o que daria origem a população brasileira. Durante muito tempo a idéia permaneceu, e ainda permanece na cabeça de muitos brasileiros, levando-os a crer que poderiam servir de modelo a

ser seguido por outras nações, ainda marcadas pelo racismo com lições sobre democracia racial.

É preciso levar em conta, que nesse período emerge um ideal de branqueamento da população brasileira, que teria como resultado o desaparecimento gradual do negro. Em seu lugar, apareceria o mestiço como uma forma de resolução do problema racial brasileiro, reforçando e trazendo a visibilidade da superioridade branca. A miscigenação como resultado da mistura sexual entre os diferentes nos colocaria em uma condição de um país não racista. Neste contexto surge então o mito da chamada democracia racial que segundo Fernandes,

[...] o mito da democracia racial, trouxe muitas consequências negativas, dentre as quais ele destaca algumas convicções etnocêntricas, quais sejam: difundiu e generalizou a consciência falsa da realidade racial; suscitou a ideia de que o negro não tem problemas no Brasil e que o povo brasileiro, pela própria índole, não faria distinções raciais; generalizou e difundiu a ideia de que as oportunidades sociais de prestígio, riqueza e poder são igualmente acessíveis a todos. Este mito teve forte reflexo no imaginário do povo brasileiro que adotou atitude passiva diante dessa crença inculcada nas consciências através das artes, ciências e letras. (FERNANDES, 1965, p. 174).

A ideologia do branqueamento presente no processo de miscigenação ajudou a construir no Brasil a formação de uma identidade nacional baseada na herança branca europeia, negando qualquer possibilidade de se pensar em alguma identidade alternativa, fundamentada na herança negra de origem africana. (MUNANGA, 2004). A ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial brasileira são produtos intelectuais das elites dominantes brancas.

Assim, de acordo com a perspectiva da miscigenação, a cor passa a designar uma classificação hierárquica onde o branco passa a ser o melhor e o negro o pior, inferior. Como não existia uma raça propriamente brasileira, que compartilhasse algum conjunto de características, a desvalorização da estética dos negros e a valorização da estética branca fortaleceu o mito da democracia racial, gerando com isso, consequências político-econômico-sociais, tais como preconceito e discriminação que são vistas e sentidas até os dias atuais, e que já

naquela época encontravam alguma resistência. Nesse sentido, o negro foi, segundo Lopes:

Humilhado, espezinhado, maltratado, submetido a vexames e até mesmo sadismo inimagináveis, como salgamento de feridas produzidas por chicotadas, castração, corte de seios, quebra de dentes a martelada e emparedamento vivo, o negro nunca aceitou sua condição, docilmente, como tantas vezes se propalou (LOPES,1983, p. 43).

É bom ressaltar também o fato de que os negros lutaram e lutam contra essas e outras práticas excludentes da mesma com resistência que sempre se fez presente. O negro ou negra que conseguia alguma coisa melhor era aquele descendente dos chamados “ladinos”, que já tinham alguma educação, preparados dentro das casas dos senhores de engenho, como a alfabetização, trabalhos mais especializados e, assim se destacavam dos outros. Sendo assim:

O movimento educacional do fim do século XIX e começo do século XX, caracterizou-se como um movimento de educação limitada [...] mantendo-se o sistema de educação das elites, fundamentalmente, fechadas às classes populares. As reais oportunidades educacionais continuaram apenas acessíveis às classes superiores [...] (TEIXEIRA,1976, p.29).

Podemos apreender assim o fato de que enquanto uma pessoa estiver inserida em uma cultura que menospreze e inferiorize os seus valores culturais, o condicionamento racista continuará operando processos psicológicos danosos tanto para o indivíduo quanto para o grupo. Daí a necessidade de defender “a existência do negro/a e seus valores como ser humano e cidadão/cidadã brasileiro/a, tendo como objetivo maior o trabalho cultural e pedagógico”.

Para ganhar a alforria, a liberdade, muitos negros se tornaram buchas de canhão, usados na Guerra do Paraguai, na Guerra Farroupilha, com a promessa de liberdade. A busca pela liberdade, cidadania, ganhava força com a luta dos abolicionistas contra as autoridades, mais a abolição, só se concretizou pela mudança econômica mundial, liderada pela Inglaterra, impondo empecilhos à escravidão, pois o mundo mudava através da Revolução Industrial, onde

os escravos não tinham salários para comprar produtos industriais, tendo a necessidade de um trabalhador assalariado (PEREIRA apud AMARO, 2002).

Assim no período compreendido entre a Crise do Escravismo no 1º Império, como meio de produção no Brasil e a efetiva construção de estatutos, leis, normas e regimentos para regular o trabalho livre e assalariado, fato que ocorreria no início da era Vargas, predominaram muitas atividades laboriosas executadas pelos negros/as libertos/as com características de trabalho escravo. Sabe-se que a questão do negro/a não só existiu enquanto o Brasil vivia sobre o manto sombrio da escravidão, pois afinal, ainda nos dias de hoje estas questões estão entre nós (NERES, 1997).

Negros e negras não se integraram à sociedade como homens e mulheres que tivessem com direitos iguais aos demais cidadãos brasileiros, dependendo o seu sucesso, unicamente, de seu esforço pessoal (BORGES apud MEDEIROS, 2002). Concomitante ao processo abolicionista e o período republicano proliferaram as idéias racistas a fim de justificar a imigração européia. Assim à sociedade brasileira de acordo com os ideólogos da época, só alcançariam o progresso com a supressão daqueles considerados inferiores, daí a necessidade da mão de obra imigrante.

Nesse contexto, do início do século XX, começam a aparecer algumas iniciativas como a do senador Afonso Arinos que, em 1951 encaminhou ao Congresso Nacional uma lei que previa penalidades para atos de discriminação de cor e de raça em lugares públicos. Outro exemplo mais recente foi a inauguração em São Paulo, em junho de 1993 da Delegacia Especializada em Crimes Raciais, a primeira desse tipo no Brasil. Criada pelo decreto nº 36.696. (CARNEIRO, 2000). Atualmente, os crimes de racismo têm punição prevista pela Constituição (artigo 5º), pelo Código Penal (artigo 208) e pela Lei nº 7716.

Segundo Leite (1996) no sul de Santa Catarina, Criciúma por muito tempo se caracterizou pela presença de minas de carvão e chamou a atenção sobre si pela presença de famílias negras em meio a população composta, predominantemente, por pessoas de origem européia. Algumas famílias que aqui chegaram, até gozavam de uma situação econômica boa, pois, vinham de outros estados já contratados pela Companhia Siderúrgica Nacional. Outras chegavam com a esperança de uma vida melhor diante da oferta de trabalho na mineração, aqui foram se instalando. Porém, isto não significa dizer que

os negros e as negras de nossa região tenham sido poupados da condição de miséria, e a falta de acesso aos bens materiais e culturais.

A cultura negra é uma cultura interativa e dinâmica, ou seja, para participar dela é necessário interagir com ela. Basta observar uma roda de samba, uma roda de capoeira, o pagode ou uma gira de terreiros de umbanda ou candomblé. Esse dinamismo passa a fazer parte da personalidade de crianças e adultos negros/negras mais nem sempre é compreendido e respeitado. Essa negação de personalidade promove a negação de identidade [...] (ROMÃO, 1999).

Tratando-se do negro e sua cultura, sem dúvida, em todas as regiões deve-se discutir sua participação, pois os reflexos da escravidão estão em todos os lugares. Mas em cada região tem manifestações culturais adequadas às características locais, produzindo uma riqueza espantosa de sabedoria, arte e criatividade.

## 1.2 ELEMENTOS ANTIRRACISTAS DA EDUCAÇÃO

Pretendemos nesta segunda seção apontar alguns elementos antirracista na educação, pensando a partir deste contexto histórico de lutas e conquistas, e entendendo a educação como uma prática social permeada por outras instituições. A partir dessa reflexão podemos elaborar a questão: Como reverter esta situação para que possamos ser retirados desse patamar em que os negros e negras foram colocados? De que modo poderíamos encontrar meios para superar as implicações sócio-históricas e ainda diminuir as assimetrias produzidas nas relações sociais?

Uma resposta poderia ser: Educação, se entendida como um processo contínuo, como postura de vida, onde não se pode envolver somente o formal, mas também, todo o desenvolvimento cognitivo e emocional adquirido no meio familiar, a educação pode então se configurar como um campo de transformações. Apesar de observarmos ao revisitar a história da educação brasileira e sua trajetória político-pedagógica, que existe uma grande ausência de estudos das expressões afro-brasileiras em educação e, em especial na educação popular. Por outro lado, o tema do negro/a sempre se fez presente no cenário acadêmico e intelectual do Brasil, primeiro enquanto categoria jurídica, ou seja, o escravo.

Os processos históricos de objetificação dos sujeitos politicamente subalternos como as mulheres, indígenas e os negros, implicaram no Brasil, pesadamente sobre as populações desterritorializadas que foram portanto tomadas como escravo, e como

tais comercializados na forma de coisas ou objetos. Mais tarde, com a abolição da escravatura, especialmente nas construções sobre as relações raciais no Brasil, e até no cenário construído sobre o mito da democracia racial acaba por se diluir numa série de conceitos e categorias que alguns intelectuais, como o já citado Gilberto Freyre, noções que ou se apoiavam na biologia para ressaltar a superioridade branca, ou tentavam equilibrar pelos costumes de cada grupo as diferenças econômicas e políticas que os impactavam.

Ainda assim, levando em consideração que várias áreas da ciência têm abordado o “problema do negro/a” – Antropologia, Direito, Medicina, etc. – o mesmo não ocorreu com a educação. No contexto das discussões pedagógicas, apenas mais tardiamente o tema da cultura negra e as relações raciais aparecem com sua devida importância.

No Brasil um dos expoentes defensores da educação para todos, foi Anísio Teixeira, que indicou em suas análises o contexto elitista da escola brasileira. Ao analisá-la ele faz referência à incorporação da cultura européia e à exclusão das classes populares no sistema de ensino. O movimento educacional do fim do século XIX e começo do século XX caracterizou-se como um movimento de educação limitada [...] mantendo-se o sistema de educação das elites, fundamentalmente fechada às classes populares. As reais oportunidades educacionais continuaram apenas acessíveis às classes “superiores” [...] (ROMÃO, apud LIMA, 1999).

Nesse sentido podemos perceber que o acesso dos negros à escola é uma realidade recente, é preciso lembrar que a primeira constituição brasileira, outorgada por D. Pedro I negava a estas populações o direito ao acesso a educação formal. No texto desta constituição, no 2º ato oficial, instaurava-se uma lei complementar à constituição de 1824 que deixava explícito esta exclusão “pela legislação do Império, os negros não podiam frequentar escolas, pois eram considerados doentes de moléstias contagiosas” (CHIAVENATO apud CANDAU, 2001, p.64).

De acordo com Pereira, 2010, mesmo com o advento da República, quando se propagava uma nova ordem social, estes sujeitos ficaram longe dos bancos escolares, a escola era para os filhos da elite, onde eram preparados para manter o “*status quo*”, portanto vedada aos negros. A partir da década de 1930, quando o país entra na fase do desenvolvimento industrial, intensificando-se na década de 1950, em que o projeto desenvolvimentista atrelado ao capital internacional carece de mão-de-obra qualificada, surge o ensino profissionalizante (nação escola). Nesse contexto o êxodo rural causa o inchaço urbano, o

que desencadeia uma pressão popular por melhores condições de vida e escola, aumentando a parcela da população que tem acesso a estes espaços.

Porém essa nova realidade não altera o quadro social do país, as portas das escolas, são abertas para os que até então eram excluídos e que viam nesta a possibilidade de se inserir na sociedade, por meio do saber como uma via de ascensão social. Além disso, esta abertura é uma nova fase na busca de representatividade e das aspirações de democratização do saber e da vida em sociedade. Contudo, a escola continuou sendo o espaço reprodutor do estado de coisas, um instrumento de dominação utilizado por grupos socialmente minoritários porém, política e economicamente majoritários que manipulavam as instituições no sentido de atender a interesses próprios.

Na expectativa de mudanças na nova República, as demandas sócio-históricas impulsionaram muitas transformações, entre elas a construção de uma nova Constituição que proibia a discriminação racial. No entanto, nem sempre um ato legal muda a realidade, em muitos casos a lei é uma consolidação dos costumes, que estão mais ou menos estabelecidos em uma sociedade, porém em outros casos ocorre o oposto alguns costumes passam a ser entendidos como problemáticos para um determinado grupo social e então se elaboram termos que proibam certas práticas e ou as criminalizem.

Apesar de negado, o preconceito continuava a fazer parte das relações sociais, ainda que imiscuído em noções relativas ao trabalho a cultura ou outros elementos discriminatórios. No caso do Brasil desde o século XX, sabe-se que existe uma particularidade quanto ao preconceito, os brasileiros tem “preconceito de ter preconceito” (SCHWARCZ, 1996), ou seja nós construímos um hábito de reprimir os preconceitos ou mascará-los por meio de expressões ou ações que parecem integrar, mas que no fundo apenas mantém uma mesma lógica de exploração e expõem o preconceito velado.

É no panorama destas mudanças que começa a desabrochar e amadurece no Brasil, um processo de libertação na mente em primeiro lugar e das organizações e instituições em segundo lugar. Assim refaz-se a identidade negada e resgata-se a auto-estima através de movimentos organizados ao longo da história. Com o fortalecimento dos movimentos negros nos anos 1970, volta à tona uma antiga preocupação: a educação e a cultura, nesse ínterim pesquisadores e militantes se envolveram na crítica ao processo educacional, o que se reflete hoje, no que definimos como interculturalidade:

A temática da pluralidade cultural diz respeito ao conhecimento e a valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, as desigualdades sócio- econômicas e à crítica as relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, [...] (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 2002, p. 121).

No processo de reforma na educação, estabeleceram-se um grupos de ativistas oriundos do movimento negro, professores e pesquisadores dos diversos segmentos, comprometidos com a questão social e direcionados aos temas de pesquisas desenvolvidas na Universidade. No entanto ainda hoje persistem muitos desafios, este é o momento em que se faz necessário uma reforma também na nossa instituição com o objetivo de inserir neste espaço do saber, temas de interesse do afro-descendente torna-se visível a presença do negro/negra no quadro regional, estadual e até mesmo nacional. Sendo assim, também é vital o incentivo na produção acadêmica em relação a essa temática.

Essa busca e o desenvolvimento dessa temática perpassam pela presença de professores/as negros/as universitários dispostos a debater a questão, não apenas como observadores externos, mas com a perspectiva de sujeitos destes processos que investigam. Esta visão não é determinante para compreender as relações raciais ou ainda o preconceito na forma do racismo, mas pode contribuir para a ampliação desta compreensão, em razão de conter elementos das experiências subjetivas que são particulares, porém fundamentais no sentido das identificações simbólicas.

Hoje, temos alguns trabalhos na nossa universidade produzidos por negros/as em diferentes áreas do conhecimento que começam a contemplar o afrodescendente, porém ainda são poucos. Sabemos que essa escassez e morosidade ocorrem por não existir representatividade do negro/a nos espaços educacionais do ensino superior. Estatísticas do IBGE apontam uma população de 68 milhões de negros/as no Brasil, nesse meio apenas 2% possuem curso superior. Mediante esta constatação, podemos entender algumas das razões do porque não contamos com docentes em grande ou igual número atuando nas universidades. Assim, o fato de chegar até a universidade significa romper com a visão excludente da sociedade. Por isso, o acesso ao

curso superior já é uma conquista e se constitui, em muitos casos, como projeto de ascensão social para o estudante negro.

É necessário que se trabalhe cada vez mais no sistema de ensino para que não se reproduzam imagens negativas e preconceituosas, construindo sempre em um potencial de mudança, fundamentado em um tipo de educação que favoreça a inter-relação dos diferentes grupos sociais e culturais na perspectiva da construção da igualdade, e que a promova positivamente, por meio de práticas pedagógicas democráticas.

Segundo Silva (2014), o desafio posto para a escola hoje é o de ser formadora de subjetividades de modo que sua função social possa superar o seu funcionamento e proporcionar um ambiente no qual se elaborem novos modos de estabelecer as relações sociais que não apenas partam do princípio da igualdade, mas que também primem por discursos e pensamentos não dicotômicos e não binários. Nesse sentido a escola é uma das instituições da sociedade privilegiada com relação a performatividade que pode exercer.

Para tanto se faz necessário ocupar esse espaço na perspectiva da afirmação das identidades e das relações étnico-racial, no sentido da reapropriação do conceito de ser negro, como reforça (GOMES, 2010), ser negro não se limita ao fato de ser de cor diferente. Refere-se a uma cultura, um povo, uma ancestralidade, uma visão de mundo, um padrão estético. E estes são os conceitos que devem ser trabalhados na construção da identidade desses sujeitos, numa perspectiva interdisciplinar.

Tal tarefa, da produção de um ambiente menos hierarquizado e que não reproduza internamente processos de exploração e exclusão, exige dos educadores em todos os níveis de ensino, principalmente na formação de professores/as, o entendimento do pensamento Freireano de que “educar é uma forma de intervir no mundo” (FREIRE, 1997, p. 110). No sentido de que o espaço escolar seja um âmbito formador, na contramão da direção que o contexto político e econômico o impulsiona.

O papel da educação tem sido, muitas vezes, o de treinar os diversos papéis sociais, cristalizá-lo e não refletir sobre a ideia de que eles são uma construção histórica e como tal, são passíveis de mudança. O resultado aliás, pouco considerado pelos tecnocratas da educação, é a disparidade entre o acesso a profissionalização e os rendimentos de brancos e negros decorrentes do mesmo nível de escolaridade.

Uma prática pedagógica que promova a auto-estima, necessariamente, deve estar comprometida com a promoção e com o respeito do indivíduo e suas relações coletivas. Uma vez que o educador

que não foi preparado para trabalhar com a diversidade tende a padronizar o comportamento de seus alunos. Deixando de lado toda a sua dimensão: dos conteúdos significativos do espaço material organizado como um espelho que reflete a pluralidade étnico-racial, dos gestos que demonstrem o respeito a essa diversidade, que promova o diálogo entre os diferentes.

As estatísticas<sup>17</sup> sobre a educação apontam que as crianças e adolescentes de ascendência africana são os que mais evadem ou são excluídos da escola. Os motivos são os mais variados e, por muito tempo, ficamos centradas nas abordagens econômicas e culturais sem olhar o que estaria ocorrendo nas salas de aula do ponto de vista da construção de um espaço democrático em que os estudantes possam realizar seu potencial, superando suas diferenças pelo intermédio da mediação dos professores, que por sua vez, precisam ter uma formação que incentive a troca de experiências e o trabalho colaborativo.

Curiosamente, toda vez que o sistema entra em crise, se acena para a educação como um contrato social possível. Considerando as diferenças sociais, culturais e étnicas existentes na sociedade podemos afirmar que os valores predominantes no sistema escolar não representam e nem valorizam a diversidade cultural da nação brasileira (SANTOS, 1998). Não se pode pensar numa educação que promova este tipo de práticas sem analisar as políticas educacionais e questionar sua preocupação com a equidade e sem entender se há utilização social do orçamento para educação de forma que contemple, com prioridade, as políticas e as demandas dos setores, historicamente, desfavorecidos. Nem se pode abranger a educação sem elaborar e observar outros aspectos, como recursos didáticos, o currículo escolar e a formação do educador.

A teoria educacional reprodutiva afirma que a rede da escola pública acabou por impor a todos os grupos de classes a bagagem cultural dos grupos dominantes. Segundo Saviani (2000), a repercussão da pedagogia nova, foi o rebaixamento do nível de ensino destinado às classes populares, cuja demanda tem na escola o único meio de acesso ao conhecimento elaborado. Em contrapartida, o ensino destinado aos interesses das elites foi aprimorado e se deslocou para fora da escola pública.

Nesse contexto a gravidade da situação educacional dos negros também tem suas discrepâncias internas, não quando comparamos negros e brancos, mas quando comparamos negro pertencentes a

---

<sup>17</sup> IBGE, supracitado.

gerações mais jovens entre 20 e 40 anos com outros negros mais idosos entre 60 e 80 anos ou mais (GONÇALVES, 2000). Estes, cuja infância e juventude estão mais próximas do início do século XX, padecem de altíssimo índice de analfabetismo. Não é preciso muito esforço para constatar a precariedade da situação desse segmento étnico. Há uma esperada inversão nas expectativas geracionais de forma que quanto mais diminui a idade mais aumenta o grau de escolarização.

Em todo o país, os mais jovens são os que possuem mais anos de contato com o sistema de ensino. Na região sul do Brasil em Santa Catarina, após a abolição, a fixação de populações negras se deu em função da tentativa de obtenção de “terras” para agricultura de subsistência, e em seguida ou, concomitantemente, em busca de emprego nas minas de carvão visto como ideal de estabilidade sócio-econômica (LEITE, 1996). Assim como em todo Brasil, aqui também as condições sociais do negro e da negra nunca foram de igualdade (LEITE, 1996).

O acesso á educação também passou a ser privilégio de alguns. Pode-se constatar a influência dos avós, que apesar da pouca escolaridade, estimularam e estimulam suas gerações futuras a terem êxito na escola como forma de obter uma ascensão social e econômica. Identificamos também a existência de três estágios de escolaridade, absolutamente, diferentes uns dos outros. Observamos que apesar de tantas dificuldades a população negra de nossa região, hoje já possui um espaço embora ainda tímido, junto aos vários níveis de ensino. Podemos ver, principalmente, uma ascensão junto ao ensino superior. O/a negro/a já está entrando nas faculdades mesmo sendo uma minoria, mas já aparecem nos cursos de graduação, mestrados e doutorados.

A universidade de maneira geral está comprometida com uma cultura universal, que é importante sem dúvida, mas também está permeada de uma concepção de ciência que se pretende neutra e desvinculada da realidade em que o profissional irá atuar, desse modo, sem possibilidades de poder solucionar os problemas inerentes aos oprimidos. Desta maneira, em nossa instituição, Universidade do Extremo Sul Catarinense, a minoria também é real. Como uma das negras que toma parte desse quadro, não posso deixar de dizer que nunca sofri discriminação por parte da instituição, mas sinto-me discriminada pelas estatísticas.

Neste capítulo, procuramos dar atenção para à questão étnico-racial negra, mais centralmente com relação as trajetórias e estratégias desde a abolição, como um processo histórico dentro de uma conjuntura política da época, na sociedade brasileira. Tratamos também de

evidenciar alguns aspectos da importância do debate das questões étnico-raciais, e seus fundamentos teóricos, além das demandas construídas pelos grupos marginalizados. Tivemos como referência o legado do processo de escravização de negros/as na história do Brasil sem deixar de observar os modos como socialmente se produziu, e ainda se reproduzem, elementos estruturantes do preconceito na forma do racismo.

Pretendemos ainda, buscar compreender as trajetórias dos negros e negras pós-abolição, por meio das expressões sociais de confrontos diretos e indiretos destas populações. Colocamos em questão o contexto histórico do desenvolvimento das condições de acesso à educação, para as populações negros, e tentamos discutir alguns elementos que na educação podem ser destacados, objetivando-se uma atmosfera mais prolífica e mais propensa para o desenvolvimento de abordagens mais abertas.

## **CAPÍTULO 2: IDENTIDADES DOCENTES NEGRAS: SUJEITOS PARA ALÉM DO PRECONCEITO**

Neste capítulo pretendemos mostrar alguns pontos relativos a formação das identidades negras, os contextos históricos e sociológicos nos quais elas se desenvolveram. No capítulo anterior tratamos dos processos históricos por meio dos quais os sujeitos negros têm se constituído e o acesso à educação formal, estes são dois elementos importantes que compõem parte do circuito formativo. Porém os elementos simbólicos que permeiam os processos de identificação, tem uma dinâmica própria, histórica e culturalmente.

Ao visualizarmos a cultura dos afro-descendentes devemos antes de tudo, percebê-lo como sujeitos inseridos na história brasileira, ou seja, temos de compreender estes sujeitos para além do período escravista, levando em conta que estes grupos participaram e participam da vida social, política e econômica do país, como outros grupos, porém segundo Cunha,

A existência de uma identidade dos afrodescendentes tem sido contestada devido a essa luta política. Entretanto, essa identidade afrodescendente não é construída pelos caracteres fenotípicos, como muitos acreditam. É constituída por conjuntos amplos, complexos de motivações e condições culturais, sociais, econômicas e políticas. (CUNHA JÚNIOR, 2005, p. 257).

É preciso então se debruçar em torno das questões que envolvem a construção da sua identidade, da negritude e da africanidade, levando em conta que o preconceito racial brasileiro tem suas peculiaridades. Nesse sentido, se faz importante discutir termos e conceitos fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira, tais como: identidade cultural, negritude, racismo entre outros.

Mesmo com as diversas políticas de combate ao racismo no Brasil, a questão da visibilidade negra nos amplos espaços sociais ainda é um problema que precisa ser enfrentado. Se fizermos perguntas do tipo: quantos negros e quantas negras ocupam cargos de grande importância hoje? Quantos são médicos, doutores, juizes, desembargadores? Ou, quantos têm condições de acesso às melhores escolas, universidades?

A identidade negra pode ser vista como uma espécie de encruzilhada existencial entre o indivíduo e a sociedade, em que ambos

vão se constituindo mutuamente. Nesse processo, o indivíduo articula o conjunto de referências que orientam sua forma de agir e de mediar seu relacionamento com os outros, com o mundo e consigo mesmo. Esse processo é realizado pela pessoa por meio de sua própria experiência de vida e das representações destas experiências, na vida coletiva em sua comunidade e na vida privada, em casa, aprendida na interação com os outros e entendida como pano de fundo das práticas sociais, de modo que sua naturalização e a capilarização dos preconceitos que ela pressupõe acontecem cotidianamente, com relação a este aspecto no dizer de Scruton,

A condição de homem (*sic*) ~:exige que o indivíduo, embora exista e haja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo - como um membro de uma! sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar (SCRUTON, 1986, p. 156).

Assim, propõe-se aqui enfrentar esse debate e trazer à tona a necessidade do estudo sobre o preconceito na forma do racismo, sua historicidade e o modo como a reprodução da sociedade passa pela manutenção de certos aspectos e estruturas, mas também se faz por meio das ações e escolhas consciente dos sujeitos.

A tentativa é de forma breve, apresentar, primeiramente alguns apontamentos históricos e questionamentos que dizem respeito da problemática étnico-racial no âmbito da sociedade brasileira numa perspectiva da identidade étnico-racial. Num segundo momento, trazemos a questão da identidade docente negra, ou seja, compreender os sentidos do ser negro e negra no âmbito da formação e constituição do ser docente no ensino superior, de modo particular.

## 2.1 IDENTIDADES NEGRAS, UMA PESPECTIVA ÉTNICO-RACIAL

Neste subcapítulo vamos dar início as discussões sobre a formação identitária no seu âmbito histórico e como se situam as identidades negras. Pretendemos abordar a questão da etnicidade e da

negritude tendo em vista uma abordagem racial da questão da percepção dos sujeitos sobre sua identidade.

A existência do homem pode ser vista como uma contínua tentativa de “instalar-se” de maneira segura em seu mundo e, simultaneamente, articular-se com as constantes transformações, na natureza e na sociedade. Não consideramos a identidade apenas como algo dado ou adquirido de forma passiva, mas também algo que se constrói com certo grau de decisão e escolha. Nesse processo os indivíduos se identificam por meio dos objetos e referências concretas e simbólicas contidos em conjuntos de códigos socialmente construídos (HALL, 2003).

Em sua especificidade, reconhecer a si e aos outros como indivíduos e organizar suas ações em seu contexto de vida, também inclui localizar-se concreta e simbolicamente no mundo e em sua dinâmica cultural e histórica, para Rutherford apud Woodward

A identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora [...] a identidade é a interseção com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação (RUTHERFORD apud WOODWARD, 2003, p. 19).

Pensar a identidade como coletiva no sentido de que se constrói atravessada das relações emocionais, político-econômicas entre outras, e que acontece igualmente a outras relações sociais dentro do campo das trocas intersubjetivas (VITORINO, 2018), significa também estabelecer que existe uma polarização entre as relações construídas na sociedade coletivamente e outras individualmente. Cotidianamente, assim que se introduzem nos códigos de sua comunidade os sujeitos passam a operar esses conjuntos simbólicos e por meio deles se identificam, posicionando-se a si mesmos e aos outros, não apenas com relação a espacialidade, a localização, mas principalmente no que tange a posições políticas e discursivas. Assim a identidade pode ser percebida nas palavras de Nascimento como,

conjunto de referências que regem os inter-relacionamentos dos integrantes de uma sociedade ou como o complexo de referências que diferenciam o grupo e seus componentes dos outros grupos e seus membros, que compõem o

restante da sociedade (NASCIMENTO, 2003, p. 31).

A identidade não se reduz somente a uma representação do indivíduo, como forma de distingui-los de outros e ao mesmo tempo, indicando uma semelhança sua em relação a determinado grupo de referência. Mais do que isso, é decisivo para o desenvolvimento da identidade do afro-descendente em uma comunidade hegemônica de valores “brancos”, a identidade é uma referência em torno da qual a pessoa se constitui.

Deste modo, depreendemos que as identidades são produzidas, em momentos particulares no tempo, cada sujeito tem suas experiências particularmente, apesar de conter em si e em sua consciência as condições mediadoras destas experiências, que são produzidas historicamente, de modo que estas percepções e experiências emergem na temporalidade socialmente articulada como momentos históricos. Assim também os sentidos discursivamente atribuídos as suas trajetórias, percepções e experiências ligados à suas experiências formativas, indicando o delineamento da elaboração conceitual das realidades vinculadas à suas bases teórico-epistemológicas.

Nesse campo, da construção das identidades negras, emerge a noção de negritude como uma categoria por meio da qual podem se estabelecer certos marcadores que permitem aos negro identificarem-se sem hierarquizações, por isso, a negritude a é expressão de luta, e simboliza o rompimento com o passado escravista, que seria substituído por um futuro caracterizado pelo respeito e reconhecimento. Segundo Domingues (2015, p. 13),

O movimento da negritude foi idealizado fora da África. Ele provavelmente surgiu nos Estados Unidos, passou pelas Antilhas; em seguida atingiu a Europa, chegando a França aonde adquiriu corpo e foi sistematizado. Depois, o movimento expandiu-se por toda a África negra e as Américas (inclusive o Brasil), tendo sua mensagem, assim, alcançado os negros da diáspora. (DOMINGUES, 2015, p. 13).

Apesar da recepção tardia, a negritude ajudou a fortalecer conceitualmente as discussões e lutas dos movimentos negros que se reerguia, no período da ditadura militar, nesse momento havia já um

amplo processo de consolidação das lutas internacionais por reconhecimento, direitos e reunificação de populações e nações negras.

Um dos expoentes no Brasil da discussão sobre esta categoria é o professor Kabengele Munanga, que tem sua carreira dedicada a antropologia dos excluídos e das populações afro-brasileiras. Para este autor longe de se tratar de uma discussão excludente, o estudo e o debate sobre os sujeitos negros é uma forma de ressignificar o papel e a importância dos grupos invisibilizados histórica e politicamente, nas palavras dele,

Identidade e Negritude são palavras e conceitos atualmente muito corriqueiros entre os militantes dos movimentos negros e os cientistas sociais que estudam as relações Inter étnica; e inter-raciais no Brasil. Sente-se recentemente que, graças às manifestações que acompanharam a comemoração do Centenário da Abolição da Escravidão no Brasil, essas palavras e conceitos começam a sair um pouco dos círculos científico-acadêmicos e militantes para penetrar nos espaços mais populares. Essa mudança pode ser positivamente interpretada como sinal do início de um processo de conscientização popular sobre uma questão nacional da maior importância. (MUNANGA, 2016, p. 20).

Por isso, a negritude a é expressão de luta, e simboliza o rompimento com o passado escravista, que seria substituído por um futuro caracterizado pelo respeito ao negro/a. Esta palavra negritude é carregada de sentido e “é utilizada para referir a tomada de consciência de uma situação de dominação e de discriminação, e a consequente reação pela busca de uma identidade negra” (BERND, 1988, p. 20). Foi, basicamente, um movimento que pretendeu provocar uma ruptura com um padrão cultural imposto pelo colonizador como único e universal, no Brasil segundo Domingues,

O termo negritude vem adquirindo diversos "usos e sentidos" nos últimos anos Com a maior visibilidade da "questão étnica" no plano internacional e do movimento de afirmação racial no Brasil, negritude passou a ser um conceito dinâmico, o qual tem um caráter político, ideológico e cultural. No terreno político,

negritude serve de subsídio para a ação do movimento negro organizado. No campo ideológico, negritude pode ser entendida como processo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana. Portanto, negritude é um conceito multifacetado, que precisa ser compreendido a luz dos diversos contextos históricos. (DOMINGUES, 2005. p. 15).

Tomada então como categoria fundamental, por conta da sua abrangência a negritude pode e tem sido utilizada como base para as discussões entorno da formação identitária negra, bem como nos âmbitos políticos e sociais nos quais os movimentos negros se estabelecem e se desenvolvem. Como o encadeamento dos processos históricos não se dá descolado das estruturas da economia-política, sabemos como já citado que alguns discursos foram produzidos pelas classes economicamente e intelectualmente dominantes para apoiar as ideias de questões então seriam superiores.

Contudo, estas ideologias que sustentavam a fixação de certas identidades estão entrando em colapso, diante das transformações contemporâneas e novas identidades estão sendo forjadas, muitas vezes, por meio da luta e da contestação política (SILVA, 2000). Desta maneira podemos dizer que as identidades vão sendo construídas na relação, e por meio da relação com o outro que é diferente de mim, nesse sentido se pensarmos nas relações raciais no Brasil, percebemos que:

No imaginário social brasileiro, a identidade de origem africana é intimamente, ligada às ideias de escravidão; trabalho braçal; inferioridade intelectual; atraso tecnológico; falta de desenvolvimento cultural, moral, ético e estético e, até mesmo à ausência de desenvolvimento linguístico, já que as línguas africanas são tidas como dialetos (NASCIMENTO apud CAVALLEIRO, 2003, p.119).

De modo igual, se levarmos em conta os estereótipos criados em torno dos afros-descendentes, é comum reduzirmos sua identidade, vendo-a como “específica aos campos do esporte, do ritmo, do carnaval e da culinária, fica o afro-brasileiro, como coletividade, excluído das

esferas política, econômica, tecnológica, científica, enfim, da cidadania produtiva e do protagonismo social” (NASCIMENTO apud CAVALLEIRO, 2003, p.123).

Assim a literatura negra se constrói não como um discurso da gratuidade, ou, unicamente, da realização estética, mas para expressar a consciência social do negro (BERND, 1988). Africanidade, está intimamente, ligada ao resgate e à prática da cultura africana, com seus costumes, modo de vestir, seus cultos religiosos. Não se pode negar que durante muito tempo todas essas práticas foram proibidas, hoje o que se pode ainda verificar é a resistência com relação ao vestir e a própria manifestação religiosa.

Essa revolução, operando um deslocamento de perspectiva, oportunizou a revalorização de outras culturas, como as de origem africana e indígena, que haviam resistido á cultura hegemônica. Foi, portanto, a partir da esfera cultural que a ação subversora do movimento se propagou para as esferas econômica social e política. Como tomada de consciência propiciou a emergência de um discurso literário negro que se transformou, no lugar, por excelência da manifestação do eu-que-se-quer-negro, no dizer de Souza,

A questão racial está, portanto, manipulada de forma a conservar os segmentos e grupos dominados dentro de uma estrutura já estabelecida e assim se confunde o plano miscigenatório, biológico, [...], mais joga-se sobre o negro a culpa de sua inferioridade social, econômica e cultural (SOUZA, 1991, p. 38).

Em uma sociedade que se pensa como tendo base na cultura européia, amplamente difundida na sociedade brasileira, os afro-descendentes, tendem a desenvolver uma identidade não articulada em torno de matrizes culturais do grupo de referência, ou identificam-se com os valores do grupo de pessoas “brancas”, comumente absorvendo-se e submetendo-se às suas crenças e valores. Podemos aqui estar citando algumas situações tais como a questão estética.

O afro-descendente internaliza os valores estéticos branco-europeus assimilando padrões de beleza, de maneira a ver suas próprias qualidades físicas como “feias” e de menos valia. O efeito de uma construção de identidade associada a esses valores é o desenvolvimento de uma baixa auto-estima, em que o indivíduo não admite, simplesmente, ter um detalhe físico do qual não gosta mais, o que é

mais sério, assume ser ele uma pessoa de menor qualidade, de menor valor, segundo Holanda (2009, p. 134)

Cada nova situação vivenciada sobre ser negro pode exigir, por conseguinte uma nova reflexão: podemos sair da condição de pobreza para outra classe, ou seguirmos uma outra orientação sexual ou de gênero, assim como também nas relações raciais experimentamos ser mais ou menos negros, dependendo de onde estamos, de com quem estamos nos comparando, ou de como a própria vida em sociedade estabelece esses valores: ser rico, pobre, preto, branco, mulher ou homem, em relação à quem, como e onde? Pode-se exemplificar essa compreensão com situações já vivenciadas apenas a título de esclarecimento. Se estivermos em um Estado ou país onde os valores culturais brancos são mais acentuados poderemos nos sentir mais ou menos negros, dependendo dos valores que cultivamos, ou seja, que indivíduos somos ou estamos e em qual coletivo.

Assim, para muitas pessoas em um contexto de identidades eurocentrada, é fácil acreditar na inferioridade do negro, e aqueles que conseguem sobressair, social ou profissionalmente, são vistos como exceções. No Brasil, criou-se historicamente, uma crença de que a miscigenação seria um processo pelo qual o afro- descendente tornar-se-ia mais respeitado e teria mais possibilidades de ascender na escala social.

A miscigenação tem servido de argumento para afirmar o quanto o brasileiro “aceita” a convivência de raças, isto é, o quanto “não há preconceito no Brasil”. Em busca da identidade nacional, *Casa-Grande & Senzala* é uma obra expressiva dos conflitos e das indecisões de seu tempo, no entanto o ideal do Brasil mestiço pensado por Freyre não chegou a se materializar, porém esta obra foi uma das bases científicas para a construção do mito da democracia racial (CARNEIRO, 2000 p, 36). Que teve grande influência na sociedade brasileira e internacional, colocando o Brasil como um país que resolveu o seu problema da escravidão ou o problema do negro.

Assim a sociedade brasileira cria mecanismos desfavoráveis ao desenvolvimento de uma identidade articulada em torno de valores, positivamente, afirmados, não somente para o afro-descendente, mas

para todo e qualquer cidadão, aí incluindo os brancos e indígenas pois na verdade, trata-se de um problema de constituição da identidade do brasileiro (FERREIRA, 2000).

A escola, às vezes de forma velada e às vezes de maneira explícita, torna-se um espaço no qual essas concepções se perpetuam graças às distorções da realidade histórica, omissão de fatos, reprodução de inverdades, sempre no sentido de mostrar os povos africanos como “tribos”, estáticas no tempo, alheias ao conhecimento científico e ao progresso humano (NASCIMENTO, 2003). Atualmente na mídia, o segmento negro/a tem sido representado por uma imagem estereotipada, na qual os afro-descendentes são mostrados, frequentemente, em uma posição subalterna em relação ao branco, como uma minoria desprezada e sem qualidades estéticas (LIMA, 1991).

Sobre a diferença de cor/raça se fabrica o negro pela própria via institucional; família, escola, local de trabalho, pelas ciências permeadas de ideologia, pelas vias normativas, pelas práticas do poder político e pelas construções intelectuais econômico-sociológicas e educativas, principalmente, a via educacional. Nas experiências individuais uma espécie de segunda pele se estabelece: o ser outro na defesa do conflito, da cisão, uma divisória sutil aludindo à diferença entre branco e negro. O que se considera normal é ser branco, e pelo encadeamento das culturas nasce e se desenvolve a alteridade do negro, esculpido traço por traço num processo histórico-social desde as suas origens. No caso brasileiro, com a escravidão, não só da cor da pele mas da essência intrínseca e extrínseca desse anti-sujeitos de nossa cultura embranquecida, para Silva

Os sentimentos de êxito e fracasso, de vergonha, culpa e remorso, são emoções ligadas à autoestima, cujos determinantes, por sua vez, estão ligados à percepção que a pessoa tem de si [...], existem também os fatores sociais que desempenham um grande papel na formação desses padrões íntimos [...], é necessário considerar a auto-estima do povo negro, em razão dos dados [...] (SILVA, 2000, p. 31).

De modo que nas sociedades a nossa, em que são alimentados estereótipos relativos a grupos raciais, alguns serão associados a qualidades negativas como “feio”, “incapaz”, “ignorante”, “desonesto”, e outros como “belo”, “inteligente” e “trabalhador”, é muito provável que o afro-descendente seja levado a referenciar-se no primeiro grupo,

por ter a sua auto-estima fundamentada nas experiências de diferença, ou ter uma baixa auto-estima. (SILVA, 2000).

Quanto aos sentimentos de êxito e fracasso, particularmente, além de serem definidos pelas percepções que o indivíduo tem de si, existem também os fatores sociais que desempenham um grande papel na formação desses padrões íntimos. Se a percepção que um indivíduo tem de si depende também das percepções do mundo social, é necessário considerar a auto-estima do povo negro, em razão dos dados colocados acima. É necessário compreender o que acontece no psiquismo do ser humano negro, que carrega dentro e fora de si os estereótipos negativos concebidos em relação ao seu grupo social.

É necessário também nos dando conta que a auto-estima é um processo construído, que se inicia desde a infância, bem como na educação atingindo vários níveis. A socialização, ou as “deformações” da história e culturas da população negra pela escola têm contribuído, para a manutenção de práticas racistas que ainda se manifestam na sociedade brasileira. Historicamente observa-se que a escola tem se organizado em sua ideologia e em seus usos organizativos e pedagógicos como instrumento de homogeneização e assimilação à cultura dominante. Mas é importante lembrar que: “Nos mais variados momentos da história e nos diversos espaços sociais, os conhecimentos relevantes para o efetivo exercício da cidadania sempre foram “segredos” para os excluídos do poder.” (LUCKESI, 1993, p.91).

Dentro deste panorama, os currículos escolares reproduzem as relações político-ideológicas presentes na sociedade humana. Reproduzem as exclusões e os preconceitos e, se constituem em instrumentos de intervenção na formação dos educadores, crianças e adolescentes que em alguns casos são indicados cruelmente como culpados por esses resultados, da exclusão social. Assim, muitos sujeitos são levados a crer que por essa razão, pelo fato de serem negros, devem se acostumar a vivenciar o fracasso. E este não é o único fator que influencia no acesso e permanência dos afro-brasileiros aos diferentes níveis de escolaridade, como veremos a seguir.

Essa negação da personalidade promove a negação da identidade, ou seja, a criança negra é levada a concluir que sua realidade cultural, social e familiar não é adequada e nem pode ser incorporada em outras relações sociais e grupais a fora a negação de seu comportamento e identidade, a criança negra, percebe que seu material didático – livros, cartazes, em fim outros recursos didáticos exclui o negro. Com relação a isso, quando fala da condição dos sujeitos discriminados Sodré saliente que,

Em certos contextos discriminatórios, o sujeito pode ser reconhecido como indivíduo, mas não como pessoa. De fato, pessoa humana é a existência definida pela relação que liga uma individualidade a outra, pelo ingresso do indivíduo num universo relacional ou comunicacional organizado por condições canônicas de uso ou hábito. Podemos chamar esse universo de ética ou cultura: o estatuto da pessoa é, portanto, de natureza metafísica – dado pelos costumes, pelas crenças, pelas leis, pelo espírito. O homem nasce indivíduo, mas se torna pessoa. (SODRÉ, 1999, p. 140).

Sendo assim como podemos esperar que a criança possa aí nesse espaço estar construindo uma auto-estima, que lhe seja favorável e que consiga mantê-la na escola? Como puderam os afro-descendentes, continuar sua trajetória escolar, ou até mesmo, termos como garantia a sua permanência e sequência, dentro desse sistema? De que forma, os mesmos puderam estar ascendendo socialmente, se a própria escola nega a auto-estima tão necessária para que possam construir sua auto-imagem? Mais do que nunca:

O educador que não foi ou que não é preparado para trabalhar com a diversidade, tende a padronizar o comportamento de seus alunos, tende a adotar uma postura etnocêntrica e singular. E aí passam a se valer de avaliações efetuadas com base nos estereótipos e preconceitos (ROMÃO, 2002, p. 7).

A promoção da auto-estima deve ser trabalhada em diferentes momentos da escolarização, onde o educador precisa estar desconstruindo os estereótipos e os preconceitos explícitos nos livros, nas condutas e nas diferentes relações sociais. E isto só vai ocorrer quando a cultura africana for incorporada na prática pedagógica e inclusive nos próprios currículos. Neste sentido estar trabalhando a auto-estima da criança, adolescente e adulto negro/a é estar se posicionando frente a exclusão. E é também estar contribuindo para construir estratégias que possam garantir a construção da auto-imagem destes sujeitos incorporando sua cultura ao longo da sua trajetória escolar.

Devemos atuar, como defensores de condições de igualdade, garantindo então, que os currículos escolares expressem conhecimentos

sobre todos os segmentos que fazem parte da escola, comunidade e sociedade centrados, na perspectiva multicultural como propõe Gadotti:

Equidade em educação significa igualdade de oportunidade para todos poderem desenvolver suas oportunidades. E ela só pode ser atingida quando as classes populares entrarem e permanecerem numa escola que lhes interessa. “Igual para todos” não significa uniformidade monocultural [...] (GADOTTI, 1992, p. 21).

Mesmo em meio a tantas rejeições, sobre a discussão racial e sua importância social, cultural e política, sabemos que esta igualdade está ainda muito distante, é necessário que se desenvolvam ações cada vez maiores, mais amplas e com impactos mais profundos na sociedade, para que essas oportunidades realmente se concretizem. Desta maneira a negação da auto-estima negra poderá então desaparecer, e a exclusão social também se transformará.

Até este ponto tentamos elaborar alguns elementos da discussão sobre a formação das identidades negras, a importância do seu desenrolar histórico e de que maneira se situam os contextos de legitimação destas identidades. Além disso apontamos para os movimentos sociais e as lutas desta populações subalternizadas politicamente, como fonte de progressivos avanços e mudanças nas condições básicas das práticas sociais. Delineamos as características da categoria da negritude, que é uma das bases teóricas com as quais mais adiante faremos as análises e mostramos como nos aproximar da questão da etnicidade e da negritude observando sempre uma postura voltada para uma abordagem étnico- racial da questão.

## 2.2 IDENTIDADES DOCENTES NEGRAS

Neste subtópico daremos continuidade à discussão do processo de formação, além de escrever, como no capítulo anterior, sobre a formação identitária, dos atores sociais envolvidos nos meios pelos quais a sociedade se desenvolve, e nela as identidades negras tem seu papel mais ou menos bem situado, precisamos também compreender como as trajetórias dos docentes negros se desenrolaram e de que modo nelas se apresentaram aspectos referentes a identificação como negros.

Segundo o INEP em 2013 apenas 14,51% dos alunos do ensino superior eram negros, num contexto em que mais da metade do país é

composta por negros<sup>18</sup>. No caso do Brasil precisamos levar em conta que o ensino superior não é uma realidade para todos. Se observarmos com mais atenção podemos perceber por exemplo que entre os 378.939 docentes universitários no Brasil, apenas 13,22% são negros (INEP, 2012), salientando um contexto no qual segundo Arboleya,

O campo educacional superior aparece assim, como foco analítico particularmente expressivo das tensões que permeiam o racismo enquanto fenômeno estrutural e simbólico, figurando como um microscópio social expressivo de sua tenacidade ao pontuar a prática excludente que opera dentro da ambiência universitária, articulada na lógica do mérito. (ARBOLEYA, 2015, p.10)

Desta maneira, como outros campos ou instituições sociais, o sistema de ensino, e mais especificamente o ensino superior é uma parte fundamental de uma análise que procure apreender as dinâmicas e as implicações sócias relativas a formação docente dos professores negros. Estes, em suas trajetórias precisaram desenvolver estratégias o acesso e a permanência no ensino superior, bem como para garantir seu espaço na formação continuada nos níveis mais avançados e também como professores no âmbito da educação básica, segundo Holanda

As desigualdades entre negros e brancos, para quem quer ver, saltam aos olhos, seja no mercado de trabalho, ou nas escolas e universidades, sobretudo quando se refere à ocupação dos cargos de decisão política e econômica, como se poderá observar na sequência desse trabalho. Quando se fala do acesso e permanência de negros na universidade, uma polêmica se instala, porque a ideia que se procura desconstruir é a de que a universidade é aberta para todos, porém existe uma raça/etnia dominante que ocupa a maioria desse espaço, sobretudo nos cursos de alto prestígio. (HOLANDA, 2018)

Desta maneira, a ocupação dos espaços na sociedade, por meio da educação tem sido uma maneira de ascender socialmente. Essa

---

<sup>18</sup> Segundo o IBGE em 2010 juntando-se os pretos e pardos, 50,72% dos brasileiros são negros.

concepção é o que nos remete, de um certo modo, a questão central dessa pesquisa, isto é, tratar das trajetórias de professores negros. Isso implica compreender suas narrativas escolares e os desafios da docência universitária na sua condição de pessoas negras.

### **CAPÍTULO 3: TRAJETÓRIAS DE PROFESSORES NEGROS E NEGRAS NO ENSINO SUPERIOR**

Nesse capítulo pretendemos elaborar uma análise do material colhido na entrevista com os sujeitos, os docentes negros, durante o encontro do grupo focal. Considerando-se que até o momento estabelecemos as bases teóricas a partir das quais elaboramos a análise a seguir dessa entrevista, ou seja, este é o capítulo propriamente analítico e nele buscamos indicar mais detalhadamente alguns aspectos metodológicos do trabalho da pesquisa e ainda abordar mais diretamente as experiências dos docentes negros participantes dessa investigação.

Quanto a sua estrutura, este capítulo está dividido em dois subcapítulos. No primeiro descrevemos um breve perfil narrativo dos participantes e um relato do encontro com o grupo foco, bem como, as articulações para que este se realizasse e como se desenvolveram as aproximações durante as conversas. Além disso, ao apresentarmos um perfil dos sujeitos, aqui indicados por meio do uso de pseudônimos como uma maneira de preservá-los no anonimato. A descrição dos participantes da pesquisa serviu de suporte para compor um horizonte de perspectivas das identidades negras desses docentes e dos seus contextos nos quais estão situados, sobretudo, para considerar “do lugar” a partir de onde eles falam.

Em um segundo momento detalhamos mais especificamente a análise, comentando e problematizando as falas coletadas a partir das referências previamente estabelecidas. Por meio das falas dos sujeitos, que foram gravadas e transcritas, construímos as reflexões de forma crítico-interpretativas, tendo em vista que no decorrer da dinâmica, as falas deles incitaram interpretações com as categorias já escolhidas. Mas, nesse transcurso houveram sutilezas ou interditos, coisas semi ditas ou mal expressadas, que podem ocorrer quando tratamos de temas relativos aos processos de formação identitária e as suas constituições simbólicas.

Nesse sentido, preocupamo-nos com as questões centrais para a presente pesquisa, tais como: do contexto da docência, do ponto de vista das carreiras profissionais, e também com os aspectos da negritude como elemento fundamental para a construção das suas identidades. Trazemos também as questões sobre as trajetórias dos professores entrevistados, reiteradamente, nas suas formas de resistências, quantos as suas estratégias enfrentamento de preconceitos e discriminações eventualmente sofridas por eles.

### 3.1 NEGRAS HISTÓRIAS CONTADAS

Neste tópico descrevemos os caminhos percorridos nas entrevistas, bem como, a técnica utilizada e as dificuldades encontradas no processo da coleta de dados. Para as entrevistas fiz uso da técnica de grupo focal o que me permitiu construir um ambiente propício para que os sujeitos da pesquisa pudessem perceber que seus discursos, bem como seus marcadores simbólicos, valores tradicionais, e ainda elementos culturais participam de um horizonte que, dada as devidas proporções é comum a todos eles.

Deste modo, as falas fluíram de maneira mais autônoma e autêntica, convergindo em certos pontos e tencionando-se em outros, de maneira a entretecerem-se numa tessitura elaborada por meio da qual conseguimos identificar vários elementos. Desde os processos de construção identitária no decorrer das trajetórias aos conflitos e experiências da docência negra, passando por episódios significativos que marcaram por sua importância simbólica, concreta ou ainda econômica, até as percepções ligadas ao percurso propriamente formativo, procuramos entender criticamente e refletir a partir das falas dos sujeitos da pesquisa.

A possibilidade, de utilizar o método autobiográfico e a técnica do grupo focal, também se deu por se tratar de uma técnica que possibilita: a captação de informações, por meio da interação e da discussão entre pessoas, pelo intermédio das trocas de conceitos, significados, sentimentos, experiências e reações. Além de permitir a obtenção de boa quantidade de informações em um período mais curto. No momento em que se aplicou a dinâmica, pode se verificar uma ampla exposição de ideias e perspectivas sobre as questões complexas, o que possibilita a verificação lógica das representações relacionadas a determinados fenômenos sociais. (GATTI, 2005).

Logo de início esbarrei numa primeira dificuldade, de como identificar os sujeitos quem seriam pesquisados. E na busca nos registros de docentes na instituição escolhida, não haviam dados ou documentos que dessem conta da autodeclaração. O que fez com que, ainda que de forma constrangedora, tivéssemos de recorrer a uma arbitrariedade metodológica. Desse modo, foi preciso cedermos ao estereótipo, e abordamos aqueles que consideraríamos negros. Mas entendemos como Munanga que

É importante frisar que a *negritude*, embora tenha sua origem na cor de pele negra, não é

essencialmente de ordem biológica. De outro modo, a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e amarelos. A *negritude* e/ou a identidade negra se referem a história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. (MUNANGA, 2012, p. 20, grifos do autor)

Assim foram contatados informalmente sobre sua auto percepção, antes de serem convidados a participar da pesquisa. Diante de conversas descontraídas e informais, em muitas circunstâncias, falando acerca de assuntos que não eram a temática da negritude e da docência, surgiam situações nas quais pudemos questionar aos mesmos como se autodeclaravam. Todos/as os abordados se autodeclararam como negros e questionamos se estavam dispostos a aceitaram participar da pesquisa.

A partir desse momento, foram convidados quatro (4) professores negros e após confirmada o aceite, delimitamos o foco em que pretendíamos e da qual precisávamos para compor um quadro para análise para compor os objetivos da investigação. Assim, em determinados encontros e conversas preliminares ainda, passamos a falar a respeito da pesquisa, os objetivos com ela e questionar sobre a disponibilidade destes professores em participar de um grupo focal. E todos/as se interessaram pelo tema e pela dinâmica sugerida e quiseram participar.

A aceitação foi imediata e muito tranquila, o próximo problema enfrentado era o tempo e de que forma poderíamos proceder. Ao falarmos da necessidade de se reservar um tempo para que fossem entrevistados, foi um desafio, uma vez que os docentes compartilham da exiguidade de tempo livre. Entretanto, isso não lhes tirava a vontade de participação na proposta lançada, e finalmente, após um amplo processo de organização de agendas conseguimos marcar o encontro com todos/as.

A sugestão de um dos convidados para participar do grupo focal foi de fazermos o encontro fora do ambiente de trabalho, um ambiente mais informal, com um lanche. Isso se justifica pelo fato de facilitar o envolvimento de todos/as convidados/as sem ficar preocupado com o horário e com as atividades acadêmicas. Então, combinamos com os demais uma data e horário para tomarmos um café em que todos/as pudessem participar com um tempo necessário para fazermos o grupo.

Foi combinado o horário e escolhido um espaço fora da universidade, preparamos o ambiente de modo acolhedor para que ficassem bem à vontade. Nem todos os convidados chegaram no horário previsto, todavia, avaliaram de forma positiva o ambiente, bem como estavam, bem curiosos para saber como se daria a forma de abordagem metodológica. Nesse sentido, explicamos que seria uma conversa em grupo em torno de uma hora e meia, e que todos ficassem a vontade de responder as questões que foram preparadas.

Apenas um candidato chegou no horário previsto e por conta do seu relato de que teria dificuldade de ficar se atrasasse muito, então resolvemos iniciar uma conversa, enquanto os outros convidados foram chegando, os demais foram chegando e interagindo entre todos/as. No início quando estávamos com o primeiro estava fazendo um relato mais cauteloso em suas colocações, mas na medida em que foram se achegando os demais, a conversa foi fluindo de forma mais intensa e descontraída.

Todos estavam muito dispostos a responder e sentiram-se muito confortáveis para contribuir com seus relatos, devido a abordagem do grupo focal. Alguns comentaram de gostaram muito e que iriam adotar com seus alunos. Outro dado importante foi o relato de que alguns se manifestaram que a partir da técnica as falas fluíram muito bem. Um deles também fez o relato de que achou muito interessante conhecer colegas que trabalham no mesmo ambiente, mas não se conheciam.

Além de entendermos o contexto do encontro e como se deram as conversas, as dinâmicas internas desta pequena comunidade provisória, é de vital importância que saibamos um pouco sobre os sujeitos da pesquisa, considerando que esta compreensão pode nos apresentar muitos elementos relativos a vida, as trajetórias e os contextos nos quais eles se desenvolveram e a partir dos quais falam. Ainda com relação a metodologia e a abordagem, escolhemos, por motivos éticos, utilizar pseudônimos: Gustavo, Roberto, Maria, Ana, como uma prática usual neste tipo de pesquisa que visa preservar os sujeitos.

O material das transcrições, apesar de muito rico, não pode ser utilizado na íntegra, tendo em vista que as categorias de análise são limitadas a questão que pretendemos elaborar nesta investigação. Além disso seria no mínimo irresponsável procurar esgotar todas as possibilidades que as narrativas nos mostraram. Assim selecionamos algumas partes das falas com as quais e por meio das quais, construímos a análise.

## 3.2 TRAJETÓRIAS DE PROFESSORES NEGROS/AS: ENTRE MEMÓRIAS, IDENTIDADES E NEGRITUDES.

Neste subcapítulo intentamos elaborar mais diretamente as análises, construindo-as de modo crítico-interpretativo com base nas referências já citadas e ainda utilizando as falas dos sujeitos da pesquisa. Partimos dos discursos dos sujeitos e tecemos algumas reflexões e questionamentos. Bem como, analisamos aspectos que corroborassem com os objetivos da pesquisa de compreender as implicações sócio históricas envolvidas nas trajetórias dos docentes negros/as.

A nossa ideia foi fazer um recorte analítico que se delimitou em três grandes categorias de análise, a saber: identidades, memórias e negritudes. Essa escolha diz respeito a duas questões centrais de limites da pesquisa. Uma tem a ver com o tempo e a outra com o volume de informações para poder organizar as análises. Todavia, entendemos que essa delimitação categorial nos dá condições de situar um panorama analítico no qual nos propomos a alcançar com os objetivos da pesquisa.

### 3.2.1 Memórias e experiências negras

Neste tópico buscamos abordar os episódios que apareceram mais espontaneamente como lembranças ou como parte do recordar que as conversas entorno de questões comuns as tradições ou as experiências dos sujeitos negros. Para Santos (2003, p. 25):

A memória não é só pensamento, imaginação e construção social; ela é também uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências a partir de resíduos deixados anteriormente. A memória, portanto, excede o escopo da mente humana, do corpo, do aparelho sensitivo e motor e do tempo físico, pois ela também é o resultado de si mesma; ela é objetivada em representações, rituais, textos e comemorações. (SANTOS, 2003, p. 25)

Como as nossas lembranças nos fazem que somos? De que maneira elas integram nossa identidade? Para alguns a percepção imediata, o que vemos diretamente ou objetivamente é a única base de nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. No entanto, se não houvessem as instituições sociais, provavelmente, não seríamos quem

somos e nem nos perceberíamos assim, ou seja, sem a família, a escola, o estado e ainda o trabalho, seria muito difícil que nos desenvolvêssemos a linguagem e a razão.

Com relação a estas experiências de negritude, a professora Ana comenta,

Porém, na adolescência, mais precisamente na idade, na fase de 16 anos, senti o preconceito quando fui aprovada em uma entrevista de emprego, porém quando o dono da empresa me viu, pediu para me dispensar. (Ana)

Deste modo, aquilo de que nos lembramos deve ser parte fundamental da nossa identificação com o mundo, com valores e com nós mesmos. Porém, para além de dar suporte e substância a nossa consciência a memória, em seus aspectos de lembrar e rememorar, também ocupa um lugar central do ponto de vista emocional. Se temos um trauma ou experimentamos alguma situação em que não conseguimos dar conta do impacto ou da violência imbuída, tendemos a esconder simbolicamente estes eventos. Buscamos não falar sobre ele, ou nos esquivamos de situações similares.

No dizer de Lima (2014, p. 9),

Cabe observar que a noção e o sentimento de pertencimento etnicorracial passam muito mais pelo crivo subjetivo do indivíduo do que a análise dos seus caracteres fenotípicos, sendo de imensa necessidade a oitiva do sujeito para que possamos, de maneira efetiva, entender sua natureza, seus referenciais, seu universo sináptico de elementos culturais.

Além disso, em alguns casos, uma experiência positiva ou negativa pode resignificar muitas outras lembranças. No caso da professora Cristiane, essa lembrança sobre a adolescência poderia estar relacionada simplesmente a conquista do primeiro emprego. Porém, como muitas outras pessoas, ela experimentou o preconceito na forma do racismo. Ao relatar uma experiência profissional, foi quando o patrão chegou a vê-la e saber da sua condição de pessoa negra, pediu que ela fosse demitida da empresa.

Vivemos em uma sociedade marcadamente racista, cuja suas manifestações se dão de diversas formas de preconceitos, de discriminações e muitos outros abusos inconcebíveis. Mas a maior

manifestação se dá de forma estrutural. Ainda com relação a este tipo de experiências, que os entrevistados lembraram no decorrer das conversas, a professora Maria diz que:

Durante algum tempo coordenei um departamento numa instituição de ensino onde trabalhei. Num certo dia ao chegar para o atendimento de uma mãe, pude perceber que não era bem esta pessoa (no caso eu mulher negra) que ela esperava, como coordenadora, e depois já durante o atendimento pela fala e atitudes da senhora, isso ficou mais nítido ainda. (Maria)

Assim, o não reconhecimento e a negação do lugar ocupado, simplesmente por ser negra, aparece como uma das memórias que fazem parte das experiências, em geral desconfortáveis, com relação a formação identitária. A professora deixa transparecer que se sentiu deslocada, percebendo que a mãe do aluno não a reconhecia como a coordenadora. Isso talvez indique que se ela fosse professora, talvez não houvesse muito espanto ou incomodo, mas numa posição decisória, um cargo de gestão não poderia ser ocupado por uma mulher negra.

Isso tem a ver com o intenso processo de colonização que deixou suas marcas e resquícios na construção das identidades negras. O discurso colonial dissolvido nas relações cotidianas impõe uma negação velada aos negros na condição de assumir cargos de destaques. Na sociedade de herança colonial isso impõe formas sofisticadas na percepção da presença negra nos espaços de comando. Isso corrobora naquilo que Hommi Bhabha entende sobre o discurso colonial, ou seja, “o objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (BHABHA, 2005, p. 111).

Sobre esta questão, do terreno movediço de estar em funções que tradicionalmente não recebem negros, o professor Gustavo diz:

Interessante que essa trajetória a medida que você vai crescendo em todos os aspectos, idade ou formação, elas vão diminuindo, então as vezes elas ficam um pouquinho mais discretas, e assim, tanto é que a anos pelo menos eu não tive mais a percepção pelo menos não de um racismo agressivo como se tinha na adolescência. Na

minha adolescência talvez assim só uma vez que foi uma forma direta, depois fora adolescência, é. Na formação, as vezes algumas piadinhas e algumas até sem querer. Interessante que na formação parece que as pessoas não te veem como negro né, isso eu acho interessante (Gustavo)

Aqui aparece outro ponto interessante, para além das já comentadas situações em que, direta ou indiretamente, o preconceito se expressa, o professor aponta para uma progressiva acomodação por parte dos envolvidos. Ele parece indicar que conforma amadurecemos deveríamos deixar de lado estas sensações, ou percepções de desconforto ou de interditos com relação a negritude. Diz ainda que no decorrer da formação há momentos que em que os discursos são mais invasivos e diretos. Porém, conforme se avança nos níveis mais altos de ensino isto vai aos poucos, no seu entendimento, se escamoteando sobre a forma de expressões de duplo sentido como piadas e coisas do tipo. Ainda com relação a isso ele diz

Quando comecei a trabalhar, interessante que a medida que a gente vai se formando tu leva as coisas mais leves né. Tinha uma funcionária que daí eu era o médico e aquelas coisas de piadinha né, aquilo que eu falei, as pessoas perdem a percepção, daí eu estava do lado dela e daí a gente estava pensando em colocar um guarda no hospital, daí ela falou “bom seria contratar um [...]”. Aí eu falei pra ela, “tu está olhando pra mim?” Aí ela ficou vermelha, roxa, então na hora a roxidão dela já foi suficiente, pediu desculpas “ai desculpa doutor (Gustavo)

Indicando o ambiente de trabalho como um atenuante, o professor Gustavo aponta para uma situação rememorada, e repensa sua postura naquela ocasião, inclusive insinuando que se experimentasse isso atualmente ele agiria de forma diversa. Nesse sentido, de reelaborar as ações em situação e lembradas ele comenta

Só que eu não lembro assim. Se eu não extravasei foi porque não deu tempo. Ah teve uma outra que eu corri atrás de um, no hospital todos tinham medo de mim né. Assim que eu cheguei lá, porque assim, eu nunca, eu sempre tive aquela coisa de

falar sempre o que eu penso e na hora, nunca deixo para depois (Gustavo)

Novamente a postura diante das ações dos outros, a reação ao preconceito na forma do racismo, aparecem como um desafio, é preciso reagir sim, como o que o professor concorda quando não se envergonha de ter agido de tal maneira. Porém, o modo como se pode combater estas práticas pode e deve ser sempre reinterpretado, atualizado conforme amadurecemos com relação a idade e também intelectualmente.

Trazemos várias falas do professor Gustavo, pois ele marca bem a condição da trajetória das pessoas negras quando vão ascendendo socialmente. Aqui poderíamos indicar o problema central do racismo que está calcado no conceito entrecruzado do racismo. Atualmente, o conceito de raça quando aplicado a humanidade causa inúmeras polêmicas, porque a área biológica comprovou que as diferenças genéticas entre os seres humanos são mínimas, por isso não se admite mais que a concepção que a humanidade seja constituída por raças.

Segundo Lima, (2011), na década de 1970, o Movimento Negro Unificado e os teóricos que defendiam na luta contra o racismo, ressignificaram o conceito de raça, admitindo-a como uma construção social forjada nas tensas relações entre brancos, negros e indígenas. Admitir o conceito social e político de raça, quer dizer, o comprometimento das lutas e enfrentamentos antirracistas no dia-a-dia.

Aqui nos aproximamos da concepção de Guimarães, (2012) que entende que o conceito de raça biológica para classificar grupos humanos não existe e não é garantia para o antirracismo, porém, o conceito de “raça” pode ser utilizado como categoria social e política para enfrentar o racismo. Ou seja, uma vez estabelecidas pelas ciências a inexistência de raças humanas e a inexistência de hierarquias inatas entre os grupos humanos, durante um bom período de tempo na história, precisamos ainda usar a palavra “raça” de um modo analítico, para compreender os significados de certas classificações sociais e de certas orientações advindas da ideia de “raça” (GUIMARÃES, 2012).

Para ilustrar seu argumento Guimarães pontua que,

Para ser mais claro, utilizo um exemplo. Suponhamos o caso corriqueiro de alguém, no Brasil, que se queixa por ter sofrido preconceito de cor. “Cor”, no caso, é uma categoria *emic*, nativa. Para o analista, porém, o que se passou foi um caso de preconceito racial porque a categoria

“cor” é informada pela ideia de “raça” que, embora possa ter desaparecido do discurso dos envolvidos no referido incidente, continua a orientar a ação dos agentes sociais. Analiticamente, portanto, o correto é falar em preconceito racial e não em preconceito de gênero ou de classe, ainda que, também, analiticamente, seja também importante adicionar a categoria nativa através da qual o preconceito de raça se atualizou, no caso “cor”. (2012, p. 53-54).

Nesse sentido, podemos evidenciar que o termo raça usado nesse contexto tem uma conotação política e é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor da pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira.

Durante os processos formativos, as transformações identitárias vão se dando de fora complexa, os sujeitos se integram aos discursos de seu tempo de modos muito particulares. Alguns indexam suas práticas pelo que está explícito ou aparece na superfície das ideias do senso comum, no entanto outros precisam superar estes percursos e atravessar as entrelinhas para buscar outros significados para si e sua comunidade ou grupo. No contexto destes processos formativos, o professor Gustavo observa que

Quando eu formei na[...] daí eu dei aula uma vez, quando eu estava no curso de medicina, para biologia para reforçar a renda, daí quando eu cheguei aqui em Criciúma, eu tinha terminado a ortopedia [...] Quando eu voltei um dos primeiros locais que eu atuei foi a prefeitura, um monte de plantão, mas a medicina é complicada assim né, porque algumas áreas elas são fechadas e você não entra. Na medicina a gente chama de força oculta. Você percebe que vai até um certo ponto e depois você percebe que ela é fechadíssima e por “n” fatores existem grupos que dão preferência (Gustavo)

Dessa forma, lidar com as experiências de preconceito, na forma do racismo, significa também ressignificar nossas lembranças e memórias, de modo que estas possam servir de base para uma

consciência sempre mais articulada com práticas mais consistentes no sentido de transformar o mundo, tendo em vista relações com mais equidade entre os sujeitos.

### **3.2.2 Identidades negras e os sentidos de auto percepção e auto formação**

Ao pensarmos sobre os contextos sócio históricos nos quais os sujeitos se constroem, nas suas tradições e suas práticas sociais, podemos observar que a auto percepção e auto formação por meio das quais nos identificamos se dá nos/com os grupos que nos constituímos como sujeitos deles. Desse modo, podemos dizer que ser negro/a implica nesses dois gestos de auto constituição subjetiva a partir do nosso envolvimento social e histórico.

Com relação a isso a professora Maria diz que

No ano em que entrei na universidade não havia nenhuma política de ações afirmativas e meu curso era um dos mais elitizados da UFSC. Fiquei bastante surpresa ao verificar que eu era a única negra no curso inteiro (todas as fases do curso) fiquei bastante surpresa, pois até então sempre estudei em locais que haviam grande quantidade de negros e também eram instituições públicas de ensino (Maria)

Ao destacar a sua mudança de percepção, ela também sugere que existem dois níveis separados da educação pública, um destinado a maioria da população pobre e sem muito recursos para uma educação bem embasada. E outro para uma parcela pequena da sociedade que tem condições de acessar e permanecer nas universidades públicas. Além disso, os profissionais que se inserem no mercado e trabalham mais diretamente na sua área, nos circuitos da produção objetiva, dificilmente se sentem atraídos pela docência, muitos fatores como as condições de trabalho e o reconhecimento social, influenciam na escolha deste trabalho como carreira.

Como nos diz a professora Maria

Escolhi a profissão de professora pois senti muita afinidade em repassar o conhecimento desde a época que trabalhei como engenheira sanitária

em um consórcio público de saneamento (CISAM-SUL). As palestras ministradas para prefeitos das cidades integrantes do consórcio me fizeram tomar gosto pela profissão, até surgir a oportunidade de exercer efetivamente a profissão (Maria)

Deste modo, quando se percebe o objetivo de lecionar desde cedo, pode-se perceber que há um esforço no sentido de se adquirir a formação e capacitação formal e informal para atuar na área, porem em alguns casos isso se dá de outras formas, como comenta a professora Ana

Na verdade, não escolhi a Profissão, a profissão me escolheu. Sou administradora de formação e atuei durante 12 em Gestão Escolar desempenhando várias funções administrativa que não a sala de aula, quando fui convidada para lecionar fiquei surpresa mas aceitei o desafio e me apaixonei pela profissão [...] Leciono uma disciplina na área de humanas (Gestão de Pessoas) que tem na sua ementa a abordagem de diferenças individuais e como estas podem contribuir para o desenvolvimento das organizações, quanto mais diversa for uma equipe de trabalho mais criativa e inovadora ela será e temos discutido muito questões como criatividade e inovação na formação dos profissionais do futuro. Neste sentido o debate é perfeitamente viável. (Ana)

Descobrir-se como sujeitos também envolve compreender sua posição como profissional e em outros papéis sociais. Como destaca a professora, em alguns casos o trabalho se insinua lateralmente e se insere de modo transversal forçando os sujeitos a abandonarem sua zona de confronto e se desafiarem a novos horizontes. Nesse sentido, entender suas particularidades e competências, a partir do âmbito do desenvolvimento educacional, pode ser um grande incentivo para se perceber como profissional. Ainda com relação ao ambiente profissional como parte importante da formação dos sujeitos, o professor Gustavo comenta que

Na adolescência talvez assim só uma vez que foi uma forma direta, depois fora adolescência, é na formação, as vezes algumas piadinhas e algumas

até sem querer. Interessante que na formação parece que as pessoas não te veem como negro né, isso eu algo interessante até. Eles falam e depois até se assustam quando olham pro lado, pelo menos essa é a minha percepção[...] Um dos acompanhantes é, passou por mim, eu não quis dar o medicamento pra paciente e ele disse “ah coisa de nego”. Daí na hora eu pensei, ah vou deixar. Porque estou dentro do hospital, andei uns dez metros e pensei, não vou deixar porque isso me agonia, eu não consigo né. Por isso que muitas vezes tem gente que diz, eu tenho fama de brabo mas eu falo na hora. Voltei atrás do cara e fui correndo atrás dele então ficou uma cena icônica lá no hospital. Os funcionários quando eu chamava eles já vinham (Gustavo)

Ao salientar esse aspecto da escolha profissional, que tanto nos ambientes educacionais como nos profissionais, os sujeitos se desenvolvem de modos múltiplos, estruturando suas experiências de maneiras, as vezes produtivas, que alcancem retirar das situações elementos formativos que componham reflexões sobre como nos tornamos quem somos. Outro aspecto da autoformação na percepção que os sujeitos têm de si mesmo em seu crescimento é com relação a reflexão e a consciência sobre as situações que eles destacam.

Desse modo, conseguir passar por estes episódios e ainda se questionar sobre qual a melhor maneira de seguir, se deveria considerar a condição dos outros envolvidos ou simplesmente reagir ou ainda pensar sobre o impacto das suas ações nos contextos em que se trabalha e vive, certamente demonstra um amadurecimento, que as trajetórias descrevem ao longo do tempo e também por meio das experiências.

Podemos compreender parte dos caminhos percorridos na formação dos entrevistados pelo que nas falas deles indicam aspectos dos contextos sócio históricos, como aparece na fala do professor Gustavo

Mãe é que dizia “faz medicina” daí coincidiu de eu gostar da medicina né. Daí que geralmente na escola tinha aquela coisa de alguns médicos nos visitarem e tal, daí me interessou e daí acho que teve uma visita ao hospital universitário e voltei de lá e disse é isso que eu vou fazer. A minha mãe queria e coincidiu (Gustavo), a única coisa que eu

me lembro foi isso. Mas não necessariamente, tanto é que somos quatro e nem todos fizeram medicina né, apesar, de que precise de coincidir de você gostar. (Gustavo)

Quando ele fala da influência da família, indiretamente coloca em questão as estratégias adotadas por muitos para ascender social e economicamente, adotando uma profissão que aparentemente vai te garantir um status ou uma posição de respeitabilidade maior. Nesse sentido é importante refletirmos que a manutenção das estruturas e das instituições sociais também implica no recrudescimento das condições de existência dos sujeitos negros, bem como de outros grupos social e politicamente invisibilizados e fragilizados.

Assim, apesar de as tradições das comunidades ou a própria família apostar em carreira aparentemente boas, é importante que se discuta de que modo o que fazemos implica na vida daqueles que não podem reagir as consequências dos nossos atos ou escolhas como sujeitos. Nesse sentido, a educação, já citada anteriormente como uma possível maneira de emancipar os sujeitos reaparece como elemento do processo formativo, na percepção do professor Gustavo,

A docência acho que tem uma carga, influencia familiar maior. Já tinha várias tias como professoras, a mãe professora, então eu cresci sempre ouvindo Paulo Freire e aquelas leituras, daí acabava, a mãe fazia plano de ensino, quando eu formei na, daí eu dei aula uma vez quando eu estava no curso de medicina para biologia para reforçar a renda, daí quando eu cheguei aqui em Criciúma, eu tinha terminado a ortopedia, daí logo em seguida coincidiu de ter a vaga na Unesc, daí eu entrei e nunca mais sai. (Gustavo)

Como indicado, a presença da discussão sobre a educação e os processos pedagógicos também pode ser um fator condicionante. Esta é uma outra forma de a família influenciar na formação dos sujeitos. Como descreve o professor Gustavo a mãe, e as tias como professoras, sempre envolvidas com leituras e material didático, além da exposição as experiências da docência. Isso corrobora com o que entendi a professora Petronilha B. Silva, ao dizer

É assim que, por meio da educação, construímos, no seio de nossa família, da comunidade negra, a

*visão de mundo* que no correr da vida ajuda a decifrar linguagens, modos de viver, situações, paisagens, a dar rumo ao próprio destino, a fortalecer a comunidade, enfim, a elaborar sempre renovadas significações e direções, originadas no convívio com outros negros. Isso permite dialogar solidamente com não negros. Uma visão de mundo se constitui de significações íntima e organicamente relacionadas que dão sentido as experiências humanas (SILVA, 2010, p. 48).

Compreender-se como sujeito em constante crescimento e desenvolvimento, é uma tarefa árdua, principalmente em espaço nos quais este contínuo processo de mudança e superação pode ser utilizado como forma contrária a própria formação, induzindo a auto percepção da fragilidade ou incompetência, nesse sentido o professor Roberto comenta que

Todo dia tu tens que provar que és competente. Todos os dias. Eu passo por isso, não pode deixar furinho, todo dia. Porque “não, o Roberto não tem que estar onde ele está, o Roberto forasteiro, o cara não tem sobrenome italiano, não tem olhos azuis, o que esse cara está fazendo aqui?” Tem isso também, aí o stress é maio que o normal, pressão alta, colesterol. (Roberto)

As dificuldades de se estabelecer e de se compreender como sujeito, num contínuo aperfeiçoamento, pode ter suas dificuldades e pode oferecer seus desafios, porém é possível superar estes obstáculos. Como comenta a professora Ana

Tem uma outra questão. Eu vou fazer uma entrevista contigo, resolvo te dar uma oportunidade e tu deu conta do recado, também tem isso. O esforço é a consequência com a tua preocupação com o trabalho e isso se chama competência. É um conjunto. [...]. Eu tinha essa característica de procurar fazer sempre tudo bem feito, ser muito crítica com aquilo que eu faço. Tudo o que eu faço nunca fica muito bom, poderia ser melhor né e eu pego reviso e modifico o que não está bom, as vezes chego a ser chata, os meus orientandos que o digam (Ana)

Nesse contexto o esforço aparece como um elemento importante, no entanto podemos reiterar que as noções meritocráticas, reforçam as estruturas e instituições sociais de cuja manutenção dependem. Ou seja, apenas em um ambiente de hierarquização e estratificação, com pouca mobilidade social é que se manifestam estas ideias conservadoras, como parte do ideário daqueles que são explorados por estas estruturas e que sofrem mais diretamente estes impactos, como ressalta a professora Ana,

Tive muita vontade de estudar e toda oportunidade sempre busquei, sempre me dediquei e aos poucos fui atingindo os objetivos. E, também, a parte da família é muito importante porque eu sempre, meus pais sempre pensaram que a minha vida ia ser focada nos estudos, então eu nunca trabalhei. A minha família era uma família pobre, mas que conseguiu manter, priorizou os meus estudos, a minha educação e me deixou a vida inteira sem trabalhar, só focada em estudar. Eu fui trabalhar com 23 anos quando estava formada, quando era advogada já [...], mas isso tudo a partir de muito esforço e um apoio muito forte da família. Se não fosse a família não tinha conseguido a ficar só focada nos estudos e a dar conta disso tudo. Mas eu acredito que esforço e apoio, esforço familiar. Nunca precisei pedir nada pra ninguém, eu não cheguei por meio de nenhuma benesse [...]Eu penso o que se sobressai é o esforço. Porque para essas pessoas, eles não me conheciam, não sabiam de onde eu vinha, nada. Eu simplesmente mandei o currículo, mandei pelo correio, eles não me viram, me chamaram para uma entrevista, sem me conhecer sem ter nenhuma referência te porque eu não era daqui (Ana)

Nessa conjuntura o ambiente familiar aparece como uma base incentivadora a partir da qual se pode então desenvolver as habilidades de maneira autônoma. Além disso, a família figura como peça importante na consolidação da formação dos sujeitos, oferecendo suporte econômico e emocional. Sem esse plano de fundo, que ajuda criar as condições de possibilidade da realização dos sujeitos, nenhum esforço bastaria. Ela parece se prender à compreensão do mérito, como

um esforço individual, porém, também ressalta a importância política e sócio histórica da família, como uma das instituições fundamentais para a composição da sociedade.

### 3.2.3 Negritudes e reconhecimentos

Uma das mais significativas experiências subjetivas, a identificação perpassa as dimensões de classe, de cor da pele, do grupo linguístico e da comunidade na qual se vive. Como parte das categorias da identificação, a negritude é a que consideramos mais central, tendo em vista os sujeitos da pesquisa e o âmbito em que se inscreve este estudo. Sobre isso, a importância de se posicionar como negro e reconhecer a negritude como categoria básica, no dizer da professora Mariana,

Me envolvo, porque acredito que desta maneira fortalecemos a importância da negritude, nesta que é uma universidade diversa e plural. Isso faz parte do respeito as diferenças [...] trabalhando a valorização da negritude na construção do nosso país, enaltecendo nossa cultura, nossas competências, fomentando ações neste sentido e principalmente nos posicionando a respeito destas questões (Ana)

Como ressalta a professora, o respeito as diferenças devem ser construídas na sociedade, em especial nos espaços das instituições voltadas a educação, com é o caso da universidade. Porém, ela ainda sugere que o envolvimento e o comprometimento com a negritude são fatores nucleares para construirmos um ambiente mais aberto e propício as discussões sobre a diversidade racial, cultural e social. Além disso, segundo ela valorizar a cultura africana e afrodescendente, bem como o respeito como valor nas relações étnico-raciais, podem ser exemplos de boas práticas, que levem a transformação na sociedade.

A pesquisadora Lilia Schawrcz (1993) ao longo de seus estudos ao último quarto século XIX entendeu que por meio de um contexto que se caracterizou por um enfraquecimento e fim da escravidão, bem como com a realização de um projeto de nação, as teorias racialistas se apresentavam como um modelo teórico viável na justificativa do jogo de interesses que se apresentavam. Em um cenário diferente, de experiências do preconceito na forma do racismo, as relações com a

negritude podem ser mais conturbadas e problemáticas. Nesse sentido o professor Gustavo comenta que

Acho que duas questões aí. A questão que considero mais simples que é a cor da pele né e uma questão mais abrangente que é cultural, questão familiar, dois conceitos né, pelo menos na minha opinião[...] O racismo seria aquela coisa de você não gostar de alguém da raça negra ou de alguém de qualquer raça diferente da sua. Entendeu? Pra diferenciar um pouquinho da questão do preconceito. Talvez seja um pouquinho mais amplo. (Gustavo)

Compreender as bases do preconceito, é um desafio muito grande, que podemos enfrentar refletindo sobre como lidamos com a diferença. Seguindo o exemplo do professor Gustavo poderíamos separar algumas partes dos pressupostos destas noções, como a cor da pele ou ainda a cultura, no entanto nenhum elemento ou categoria de análise poderia abranger toda a diversidade de fatores envolvidos na base do preconceito, em especial na forma do racismo. Nesse sentido, de compreender as relações que se constituem entorno das experiências incomodadas ou desconfortos relativos a segregação o professor Gustavo comenta que

Na adolescência, daí são coisas que daí eu nem gosto de frisar porque na minha época a gente resolvia tudo no braço. Então uma vez no ônibus eu agredi um cara porque me chamou de macaco e aí o que acontece; como a resposta na hora foi imediata de você parar o ônibus por causa da briga, isso não me deixou nenhum tipo de marca, porque daí resolvi na hora, extravasa tudo né. (Gustavo)

Atualmente, em muitos casos, as discussões e divergências ou ainda as reações a injúria ou ao preconceito na forma do racismo, são resolvidos de modo violento. Para as populações negras isso quase sempre aparece sob o aspecto da criminalidade e da exclusão social, porém são também estas comunidades que reagem violentamente a desagregação, a precariedade e ao descaso da sociedade.

Cardoso e Rascke (2014) sobre isso indicam que quando falamos de discriminação racial, estamos falando do preconceito externado que

implica negar igualdade de tratamento ao “outro”. Nesse sentido, podemos indicar como uma conduta que viola direitos com base em critérios raciais. Todavia, a violência nunca se justifica, na contemporaneidade lidamos com vários tipos de naturalização, que nos fazem absorver a violência e o preconceito contra o outro como naturais ou ainda justificável.

Porém, se considerarmos que todo o processo de inclusão social, bem como as lutas dos movimentos sociais negros pelas demandas de suas comunidades, conseguimos entender, como indica o professor Roberto,

“Que numa perspectiva histórica, faz muito pouco tempo que teve a abolição da escravatura e temos históricos muito recente. A sociedade passou a olhar pra esse problema a muito pouco tempo. O estado não tem políticas públicas efetivas para garantir um equilíbrio entre os indivíduos. Não tomou cuidado com isso e tudo isso reflete. São oportunidades (Roberto)

Como pudemos perceber, não apenas na fala do professor Roberto, mas perpassando todos os discursos dos entrevistados, é necessário um engajamento, assumir compromissos objetivos com relação a manutenção dos direitos conquistados e ainda fortalecer as lutas por novos avanços sociais.

Alguns professores que entrevistamos tiveram uma trajetória familiar com pouquíssimas ou mesmo nenhuma experiência de preconceito, vivenciado isso apenas no trabalho ou na formação acadêmica, no entanto outros perceberam já no ceio familiar a raiz das práticas e percepções negativas em relação a negritude.

Deste modo, a família o trabalho e a escola são âmbitos nos quais se podem perceber as discrepâncias sociais, e também podem ser os espaços da realização do potencial dos sujeitos. Ainda existe uma grande desinformação com relação as leis que amparam os direitos dos negros, e sobre como a cultura e o trabalho das populações negras africanas e afrodescendentes construíram o país.

No dizer de Gomes, Oliveira e Souza (2010, p. 68)

Cabe ressaltar, ainda, o quanto a educação brasileira apresenta um processo lento e resistente de incorporação do direito a diferença, o qual vem sendo conquistado pelos negros/as e outros grupos

sociais com histórico de exclusão social em outros espaços políticos e jurídicos.

A despeito dessas questões é no mínimo intrigante pensar que todos os/as entrevistados/as narraram diversos enfrentamentos no âmbito da docência no ensino superior que se referem as questões da diversidades raciais ao longo de sua formação e trajetórias. Podemos dizer que as entrevistas revelaram diversos desafios sobre o trato da questão racial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O múltiplo e o diverso são elementos constitutivos da sociedade, por meio das dinâmicas sócio históricas os sujeitos se constroem e mudam suas comunidades. No entanto os momentos do desenvolvimento das práticas sociais são também diversos e em muitos casos polarizam-se de modo a produzir contrariedades e contradições. Pesquisar em uma área onde é a subjetividade que move as ideias, conduzindo a pensamentos que muitas vezes parecem não fazer sentido algum, significa elaborar a própria capacidade de experienciar e refletir sobre o contexto em que se vive, sempre buscando compreender as formas e os modos como nos tornamos quem somos.

Durante um bom tempo me questionava: Agora, onde estão os acadêmicos negros e, ao mesmo tempo, os docentes negros? Isso fez com que surgisse uma vontade de realizar uma pesquisa na área da educação para entender porque somos tão poucos, mesmo nos dias atuais. Nesse contexto, ao longo da pesquisa, busquei a todo momento investigar e tratar dos que a ela me conduziram, em face da minha inquietação e em relação a docência universitária, bem como quanto a invisibilidade de negros/as como sujeitos que fazem parte e que contribuem com esse seguimento educacional.

Sempre atenta aos aspectos que consideramos centrais para a compreensão do objeto, como a presença, a visibilidade e o reconhecimento. Assim, busquei compreender o preconceito na forma de racismo, enquanto um importante fator na manutenção e reprodução das desigualdades econômicas, políticas e sociais, mais especificamente aquelas expressas por meio das relações do trabalho docente de professores negros/as.

Ainda que superficialmente as experiências subjetivas ou as falas sobre o que vivenciamos não se encaixe em categorias estritas, ou que não possam ser lidas muito longe do seu contexto, é a busca por uma compreensão dos fundamentos e das condições de possibilidade da subjetividade, e por conseguinte das trocas intersubjetivas, que pode nos levar por meio de uma crítica ao mesmo tempo rígida e empática, a um conhecimento sobre o objeto.

Balizados pelos objetivos da pesquisa buscamos analisar as trajetórias dos professores negros e negras da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense), ou seja, procuramos compreender alguns elementos do processo de construção das subjetividades destes docentes universitários negros e negras no decorrer das suas trajetórias de vida e docência.

Para tanto procuramos identificar os docentes negros que atuam ensino superior na UNESCO, analisar as trajetórias destes docentes, considerando sua história de vida e docência e compreender os principais desafios destes professores, como sujeitos e como docentes. Assim, foi necessário compor um breve contexto histórico brasileiro, pensando os processos ligados a abolição da escravatura e ao acesso à educação formal. Dessa forma passam a ser considerados e mensurados os elementos que se apresentam nas falas dos entrevistados diante do contexto histórico, enquanto reconhecimento e identificações.

Cada entrevistado ao ser questionado quanto a sua identidade, não pensou muito logo se autodeclarou como negro, entretanto, quando questionados em relação a sua negritude, para alguns as respostas não se apresentaram de forma tão imediata. O mais surpreendente foi verificar, que nem todos apesar de se autodeclarar negro, se quer teve contato com a cultura desse segmento étnico. Quanto ao racismo todos são unânimes em dizer que no Brasil o que verdadeiramente existe, é preconceito de cor. A família é parte muito importante e sempre presente em sua formação como grande incentivadora de suas conquistas, o porto seguro.

Quando se trata do reconhecimento durante suas formações trazem como principal característica o fato de terem sido estudantes que sempre tiveram bom rendimento escolar. Dessa forma passavam pelo respeito e consideração uma vez que se destacavam. Atualmente nos espaços em que circulam frente à docência na sua grande maioria sentem-se valorizado.

No entanto, quando questionados em relação a situações que tivessem passado por constrangimento, por verificarem prática de racismo ao longo de suas vidas, diante da sua vida acadêmica ou até mesmo fora dela foi o momento em que realmente param para pensar na resposta a ser dada. Dentro da docência, para alguns, praticamente não há preconceitos deste tipo, colocam que nunca perceberam, no entanto, todos colocam que fora desse espaço passaram por muitas situações.

Ao pararem para falar a respeito da condição do negro/a na sociedade brasileira, todos afirmam que é necessário que se revise a história do Brasil, e que seja desfeito o conceito e mito que foi criado para definir esse segmento étnico. Ressaltam e ao mesmo tempo questionam qual as posições do negro/a no Brasil, nas suas falas, indicam uma preocupação com aqueles que não conseguiram ultrapassar estes obstáculos, aqueles que fazem parte do grupo que economicamente é desfavorecido e que por isso vive a margem, e marginalizados, o que impossibilita os de acederem a os outros espaços, tais como o ensino superior.

São unânimes em afirmar que se faz necessário políticas que venham diminuir as desigualdades sociais. Creio que o caminho já está sendo percorrido, mas é necessário que venha ser desconstruída a imagem do sujeito do ser negro/a que foi construída historicamente, sendo que tudo isso passa pela educação. Esse caminho passa pela Lei n.10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História da África, cultura negra brasileira e da contribuição do povo negro para este país que continua negando a segmento o direito a educação e a melhor condição de vida digna.

No ensino superior também se faz necessário, a inclusão de conteúdos que possibilitem a educação étnico racial, além da criação de grupos de estudos e pesquisas dentro desse tema. A discriminação só poderá ser vencida quando fizermos mudanças, baseadas numa compreensão da existência, do mundo e do outro, construída a partir do conhecimento. Se faz necessário que as pessoas negras também passem a ser os protagonistas da sua história, a academia precisa discutir e reconhecer nossos escritores negros.

Lembrando que somente a implementação da Lei não irá resolver, é necessário que se dê voz e vez e que realmente sejamos ouvidos, para que sejam fortalecidos os diálogos sobre a identidade, a negritude e o reconhecimento. Uma das consequências deste trabalho é justamente contribuir neste contexto, abordando uma dentre muitas questões relativas a formação subjetiva e a identificação. Além disso, pudemos compreender que existem implicações sócio históricas que estão emaranhadas nas práticas sociais, nas instituições e mesmo nos conjuntos simbólicos por meio dos quais construímos nossos discursos e nos tornamos sujeitos na sociedade.

Esse momento me faz sentir a necessidade de dar início a novos estudos, pois não é aqui que tudo se encerra, mas sim onde o começo de uma nova jornada se insinua. Sinto-me em meio a uma construção onde pude experimentar e trilhar por caminhos tão diversos e tão diferente de tudo aquilo, até então estava habituada a fazer.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Annete; GOMES, Nilma Lino (org). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autentica, 2010.
- ALMEIDA, Jane soares. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP,1998. 225p.
- ARBOLEYA, A. F.; MEUCCI, S. **Trajetórias de docentes negros no ensino superior brasileiro e a construção de significados para o mérito “incomum”**. In: V Reunião Equatorial de Antropologia, 2015, Maceió. Anais da V REA XIV ABANNE 2015. Maceió: REA 2015, 2015. v. 1. p. 1-20.
- A NAÇÃO E A ESCOLA QUE QUEREMOS. NAÇÃO ESCOLA. Florianópolis. Atilênde n. 1. p. 3-10, Dez/2002.
- BARBOSA, Wilson do Nascimento. **Atrás do muro da Noite: dinâmica das culturas afro-brasileiras**. Brasília. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares, 1994.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Cidadania em Preto e Branco**. 3. ed. São Paulo: Geográfica, 2002. 80p.
- BERND, Zilá. **O que é Negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1988. 58p.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **L’Ontologie Politique de Martin Heide gger**. Minut, EDUSP, 1996.
- BORGES, Edson et al. **Racismo, Preconceito e Intolerância**. São Paulo: Atual, 2002. 80p.
- BOTH, Laura Jane R. G. **O quilombo como patrimônio: uma proposta educativa**. Cadernos Temáticos. Curitiba: SEED-PR, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais 2002**, p. 121. BRASÍLIA. 2002.

CAVALLEIRO, Eliane. (org.) **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

CARNEIRO, Maria Luiza Jucci. **O Racismo na História do Brasil: Mito e Realidade**. 8. ed. São Paulo: Y angraf, 2000. 64p.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Negros em Florianópolis: Relações Sociais e Econômicas**. Florianópolis: Insular, 2000. 208p.

CARDOSO, Paulino de Jesus F.; RASCHE, Karla Leandro. **Formação de professores**. Florianópolis: DIOESC, 2014.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais/ Antonio Chizzotti**. 6. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. **Nós, afro-descendentes: história africana e afro-descendentes na cultura brasileira. Temas em Educação**, Brasília, v. 14, p. 249-274, 2005.

DOMINGUES, Petronio. **Movimento da Negritude: uma breve reconstrução histórica**. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun. 2005.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3 ed. São Paulo: Ed. Ática, 1978. 2 v.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. *In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mattias (Orgs.). O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde/Departamento de Recursos Humanos da Saúde, 1988.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: Identidade em Construção**. São Paulo. EDUC, Rio de Janeiro: Pallas, 2000. 188p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 16.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 165 p. (Coleção leitura)

GADOTTI, Moacir. **Diversidade Cultural e Educação para Todos**. Juiz de Fora: Graal.1992. p. 21, 70.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 156 p. (Trajetória).

GONÇALVES, L. A. Os negros e a educação no Brasil. In: LOPES, E.M. et al. (orgs.) **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2012.

HOLANDA, Maria Auxiliadora de Paula Gonçalves. **Tornar-se negro: trajetórias de vida de professores universitários no Ceará**. 2009. 213f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed Rio de Janeiro: DP&A, 2013. 102 p.

LEITE, Ilka Boaventura. **Negros no Sul do Brasil: Invisibilidade e Territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996. 284p.

LIMA, Jonathan Reginnie. Os traços da minha negritude: memórias e reflexões de um negro de pele branca. **Revista Jurisway**, v. 1. 2014.

LIMA, Ivan Costa et. al. **História de Educação do negro no Brasil**. Série Pensamento Negro e Educação. Florianópolis, n. 2, Núcleo de Estudos Negros/NEN, 1991. 112p.

LIMA, Fernanda da Silva; VERONESE, Josiane Rose Petry. Mamãe África, cheguei ao Brasil: os direitos da criança e do adolescente sob a

perspectiva da igualdade racial. Florianópolis: Editora UFSC, Fundação Boiteux, 2011.

LOPES, Eliane Marta Teixeira et al. **500 Anos de Educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 608p.

LÓPES, L.R. (a). **História do Brasil Colonial**. Mercado Aberto, 2ª edição, Porto Alegre 1983

LUCKESI, Cipriano ...[et al.]. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. 12 ed. São Paulo: Ed. Cortez, 1993. 232 p.

MAESTRI, Mário. **O Escravismo no Brasil**. São Paulo: Atual, 1994. 113p.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 2 ed. São Paulo: Ed. Ática, 1988. 88 p. (Princípios v.40).

MUNANGA, Kabengele. **O negro na sociedade brasileira: resistência, participação e contribuição**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2004.

NERES, Júlio Maria et al. **Negro e Negritude**. São Paulo: Loyola, 1997. 173p.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O Sortilégio da Cor: Identidade, Raça e Gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003. 412p.

NOGUEIRA, Oracy. "A propósito de *Etnias sergipanas, de Felte Bezerra*" (com resposta deste). *Sociologia*, XII (4): 323-331, 1950 out. Sergipe.

ORTIZ, Renato. **Da raça à cultura: a mestiçagem e o nacional**. In: \_\_\_\_\_. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 37-44.

PAIXÃO, Marcelo J. P. **Desenvolvimento Humano e Relações Raciais**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. 159p.

PEREIRA, João Baptista Borges. **O Negro no Rádio e Na Televisão Brasileira**. Cadernos Cândido Mendes, Rio de Janeiro. n. 8-9, 1983

PEREIRA, Lúcia Regina et. al. **Negras Histórias no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Evangraf, 2002. 160p.

PLURALIDADE RACIAL. PSICOLOGIA Ciência e Profissão. Brasília, n. 4, p 24-44, 2002.

PSICOLOGIA DAS RAÇAS E RELIGIOSIDADE NO BRASIL: PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, Brasília, n. 1, p. 66-78, 2002.

ROMÃO, Jeruse. **Por uma educação que promova a auto-estima da criança negra**. Rio de Janeiro: CEAP, 1999.

\_\_\_\_\_. **O educador, a educação e a construção de uma auto-estima positiva no educando negro**. In: Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. Cavalleiro, E. (Org) São Paulo: Summus, 2001.

SANTOS, Maria. Sepúlveda dos. **Memória coletiva & teoria social**. 1ª Edição. São Paulo: Annablume, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pósmodernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo**. 15. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1998. 82 p. (Primeiros Passos).

SANTOS, Renato Emerson, LOBATO, Fátima (org.) **Ações afirmativas: políticas públicas contra as desigualdades raciais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SAAVEDRA, Anita et. al. **Somos tod@as iguais?** Escola, Discriminação e Educação em Direitos Humanos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 174p.

SAVIANI, Demerval. **História e história da educação**. 2. Ed. Campinas, SP. Autores Associados: HISTEDRB, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em Branco e Negro**. Jornais, Escravos e Cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 284p.

SCHWARCZ, L. K. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Alex Sander da, Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 19, n. 1, p. 123-138, jan./abr. 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis. Vozes, 2000. 133p.

\_\_\_\_\_. **A produção social da identidade e da diferença**. In: \_\_\_\_\_ (org) **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Estudos afro-brasileiros: africanidades e cidadania. In: ABRAMOWICZ, Annete; GOMES, Nilma Lino (org). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros**. Identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999. 272p.

SOUZA SANTOS, Boaventura. **A Construção Multicultural da Igualdade e da Diferença**. Oficina do CES – Centro de Estudos Sociais, Coimbra, n. 135, p. 4-6, 1991.

TEIXEIRA, Anísio. (1976). **Educação no Brasil**. 2ed. São Paulo: Nacional; Brasília: INEP/MEC.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**: uma Introdução Teórica e Conceitual In.: SILVA, Tomas Tadeu (org.). Identidade e Diferença. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

**ANEXO(S)**

## **ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA**

### **Aos Professores/as Negros/as**

#### **1 Momento – sobre a identidade**

- a) Vocês se reconhecem como pessoas negras? O que entende por ser “negro” – identidade negra?
- b) O que entendem por racismo? Vocês compreendem que ainda há racismo na sociedade brasileira?
- c) É possível contar um pouco da trajetória de vida (identificando fatos que marcaram a trajetória – a partir de situações constrangedoras ou desconfortáveis que podem ser atribuídos ao fato de ser negro?

#### **2) Momento – sobre a profissão e a universidade**

- a) Como escolheram a profissão? Sempre quiseram ser professores?
- b) Qual a avaliação que fazem da presença de professores negros na Unesc? (Pouca, muita, satisfatória?)
- c) Qual a avaliação que fazem da presença de alunos, funcionários negros na Unesc? Como a define? (Pouca, muita, satisfatória?)
- d) Por que acham que a presença de pessoas negras – corpo docente, discente e funcionários é menor se comparada com as pessoas não negras?
- e) Vocês acreditam que pelo fato de serem negros, já passaram por alguma situação de constrangimento ou discriminação na universidade? Gostariam de compartilhar?
  - Encontram algumas dificuldades na sala de aula?
  - Encontram algumas dificuldades com outros professores não negros?

f) O que compreendem que é necessário fazer para fomentarmos na universidade uma cultura antirracista?

g) Vocês se envolvem em movimentos culturais para afirmação da identidade negra em Criciúma e região? E na Unesc? Considera esses movimentos importantes? Por quê?

h) Vocês entendem que a universidade tem promovido nos últimos 10 anos espaços de discussão sobre racismo e formas de enfrentamento?

i) Como avaliam o currículo nos cursos em que dão aula? É possível nas suas disciplinas fomentar o debate?

j) De que forma a universidade pode contribuir para ampliar o debate antirracista?